

Cinco meses de guerra na Ucrânia

*Coletânea de Declarações do Comitê de Enlace
pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)*



PELO FIM DA GUERRA NA UCRÂNIA!



POR
PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Cinco meses de guerra na Ucrânia

*Coletânea de Declarações do Comitê de Enlace
pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)*

PELO FIM DA GUERRA NA UCRÂNIA!

Índice

Apresentação	5
--------------------	---

Declarações e Manifestos

Somente a classe operária mundial pode acabar com a escalada militar dos EUA-OTAN e com a intervenção da Rússia na Ucrânia	11
Pelo fim da guerra na Ucrânia!	23
Um mês de guerra	29
Prolonga-se a guerra na Ucrânia	36
Dois meses de guerra	43
Por um 1º de Maio classista e internacionalista	49
Três meses de guerra na Ucrânia	54
Novo plano da OTAN	60
Cinco meses de guerra	65
Estados Unidos, uma ameaça à humanidade	71

Documento Político

Resolução do Comitê de Enlace sobre a guerra na Ucrânia	77
---	----

Apresentação

Este folheto é parte da campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) pelo fim da guerra na Ucrânia. Temos feito o máximo empenho em responder regularmente ao desenvolvimento da crise mundial, da qual se originou o confronto dos Estados Unidos e aliados com a Rússia, envolvendo a Ucrânia, que passou pela Primeira Guerra Mundial, pelo intervencionismo nazifascista, pela revolução proletária de Outubro de 1917, pela sua emancipação do império Grão-Russo e pela constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Antes de a Rússia decidir pela guerra em 24 de fevereiro, o CERQUI divulgou em 18 de janeiro sua primeira Declaração, “Disputa pela Ucrânia- perigo de guerra”. Sob a bandeira de não à guerra, deu início à sua campanha internacionalista. A passagem abaixo estabeleceu a linha político-programática, que foi sendo comprovada pelos acontecimentos da guerra, que já ultrapassou cinco meses.

“O cerco da OTAN à Rússia, com a cooptação dos países que se desprenderam da URSS, e a instalação de bases militares no Leste Europeu são os principais motivos de Putin para movimentar tropas na fronteira com a Ucrânia. O processo de desmoronamento do sistema de “repúblicas po-

pulares” no Leste Europeu, incluindo a Alemanha Oriental, resultante da partilha do mundo do pós-guerra, iniciado em 1968, com a invasão russa à Checoslováquia, e retomado em 1989, com a reunificação da Alemanha, impulsionou as forças centrifugas que acabaram por implodir a URSS, despedaçando-a em 15 países. Em suas bases, estavam as tendências restauracionistas, que não poderiam ser sufocadas com medidas militares, e imposição de governos burocrático-ditatoriais, como se assinalou com a invasão soviética à Hungria, em 1956, e o esmagamento do movimento nacionalista burguês e pequeno-burguês.

As forças mundiais do capitalismo, que emergiram da maciça destruição de forças produtivas, chefiadas pelos Estados Unidos, se chocaram com as atrasadas economias, que não podiam avançar na transição do capitalismo ao socialismo, encarceradas nas fronteiras nacionais. A participação da URSS estalinizada – submetida ao programa do socialismo nacional –, na nova partilha do mundo, favoreceu o imperialismo, que passou a contar com o desarme programático, ideológico, político e organizativo do proletariado mundial.

A dissolução da III Internacional, a mando de Stalin, em 1943, expressou de forma mais acabada o desarme. Os impasses no sistema burocrático de repúblicas populares, que nasceu da partilha do mundo, foram agravando-se, na medida em que permaneceram vigentes a pequena propriedade dos meios de produção, principalmente no campo, e os obstáculos à construção das forças produtivas socialistas, dependentes da grande indústria e da elevação da técnica, que esbarraram nos limites impostos pelo domínio imperialista. As rupturas que se manifestaram em 1989, depois da grande crise econômica mundial dos anos de 1970, se voltaram contra a URSS burocratizada.

O imperialismo europeu e o norte-americano passaram a se valer do triunfo da “Guerra Fria”, lançada por Harry Truman, em 1947, contra o comunismo. De fato, contra as conquistas da revolução proletária na Rússia, a expropriação da burguesia, o fim da opressão nacional, a constitui-

ção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a abertura da transição do capitalismo ao socialismo na Rússia, o impulso às revoluções na Europa e no mundo, e a constituição do Partido Mundial da Revolução Socialista, a III Internacional”.

A Declaração, em seguida, faz a seguinte caracterização do conflito militar: *“A mobilização militar ordenada por Putin para a fronteira com a Ucrânia representa uma auto-defesa, diante do avanço da OTAN, mas também um ato de opressão nacional. Esse dilema não pode confundir a política do proletariado”.*

A formulação, de que as contradições, que emergiram do cerco da OTAN à Rússia e da necessidade objetiva de sua autodefesa, não poderiam embaralhar e confundir a política internacionalista do proletariado, estabeleceu as diretrizes fundamentais da campanha do CERQUI.

Em 1º de fevereiro, o CERQUI publicou a segunda Declaração *“Escalada militar em torno à Ucrânia. Somente o proletariado organizado e em luta pode responder com seu programa e política próprios aos perigos da guerra”.* Essa orientação de classe indicou que a guerra na Ucrânia não era uma guerra de libertação, mas de dominação. Sobre essa base, o CERQUI formula as bandeiras de luta contra a guerra.

Eis: *“Diante da escala militar dos EUA e da OTAN, coloca-se a bandeira pelo fim da OTAN, e retirada imediata de suas bases militares nas ex-repúblicas populares do Leste Europeu e nas ex-repúblicas soviéticas. Na Rússia e na Ucrânia, combater sob a bandeira de autodeterminação das nações oprimidas, pela derrubada da burocracia governamental e da oligarquia burguesa, sob o programa de recuperação das conquistas da revolução proletária e da reconstituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esse é o programa e a luta que unifica o proletariado e os demais explorados para marcharem sob a bandeira de fim das guerras imperialistas e pelos Estados Unidos Socialistas da Europa”.*

Dois dias antes do início da guerra, em 22 de fevereiro, o CERQUI lançou uma Carta *“À classe operária, aos demais trabalhadores e à vanguarda mundial que luta pelo socialismo. Os Estados Unidos empurram a Rússia à guerra. Resposta proletária internacionalista”*.

Uma das formulações obrigatórias, para compreender as causas mais profundas de uma confrontação militar na Europa, cuja dimensão é a mais significativa depois da Segunda Guerra Mundial, é a de que a ofensiva do imperialismo contra a Rússia se dá no terreno da liquidação da URSS, dissolvida em dezembro de 1991. Tanto na primeira quanto na segunda Declaração, o CERQUI deixou claro que não se pode desvincular o cerco da OTAN, a disposição do governo ucraniano de submeter o país a esse braço armado dos Estados Unidos e o perigo da guerra do processo de restauração capitalista e, sobretudo, do desmoronamento da URSS. Nesta Carta, retoma-se a formulação:

“É necessário recorrer às raízes das causas históricas, que levaram ao desfiguramento paulatino da URSS e ao seu desmoronamento final. Somente assim, a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe podem levantar uma posição revolucionária diante do choque instalado e da possibilidade de uma guerra na Ucrânia, cujas duas principais forças são a do imperialismo norte-americano e a da autocracia russa restauracionista”.

Sem se desvincular um só momento desse fundamento histórico, a campanha internacionalista do CERQUI contra a guerra conclui:

“O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) vem fazendo uma campanha contra a guerra imperialista com suas Declarações, empunhando o programa internacionalista do proletariado. A união dos operários e demais explorados russos, ucranianos, norte-americanos, poloneses, franceses, alemães e dos demais países envolvidos é o ponto de partida para a união revolucionária mundial das massas, para derrotar o imperialismo e arrancar do poder a burocracia oligárquica russa, reconstituindo o

poder proletário soviético. A defesa da autodeterminação da Ucrânia e de sua reconstituição soviética é parte do combate à guerra de dominação capitalista e imperialista. Essa luta é muito importante para a vanguarda com consciência de classe recuperar a tradição científica do marxismo e trabalhar no terreno sólido aplainado pelo Programa de Transição da IV Internacional, que deve ser aplicado de acordo com as novas condições do capitalismo em decomposição e da vitória final do imperialismo sobre a URSS.

As bases materiais e sociais da transição do capitalismo ao socialismo continuam vigentes. Trata-se de construir os partidos marxista-leninista-trotskistas, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional, para o proletariado encarnar a tarefa de reiniciar o processo de transição do capitalismo ao socialismo, iniciado com a revolução de Outubro de 1917 e com a edificação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional chama os explorados do mundo todo a reagirem ao confronto militar na Ucrânia, com seu programa e política próprios. Pelo fim da OTAN. Imediata retirada das bases militares da Polônia, Romênia e outros países. Expulsão dos Estados Unidos da Europa. Pelo fim do desmembramento e anexação territorial da Ucrânia! Pela reintegração de russos e ucranianos em Donetsk e Luhansk! Pela união da classe operária contra a guerra, pelo fim do capitalismo e pela retomada da transição do capitalismo ao socialismo! Pela derrota do nacionalismo pró-imperialista e restauracionista! Pelo internacionalismo proletário! Não à guerra! Sim, à revolução socialista!”

Devido ao espaço do folheto, não publicamos essas duas Declarações e a Carta que precederam a conflagração da guerra. A presente publicação reúne, portanto, todas as Declarações, o Manifesto do 1º de Maio e uma Resolução.

Nesses cinco meses de guerra, a situação mundial se agravou e potenciou o perigo do choque dos Estados Unidos e aliados com a China e a Rússia. Trata-se da van-

Ucrânia - CERQUI

guarda com consciência de classe trabalhar firmemente pela superação da crise de direção, fortalecendo o CERQUI, como instrumento da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

1 de agosto de 2022
Pelo CC, Atilio de Castro

Manifesto Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Somente a classe operária mundial pode acabar com a escalada militar dos EUA-OTAN e com a intervenção da Rússia na Ucrânia

25 de fevereiro de 2022

Os Estados Unidos (EUA) não aceitaram a exigência da Rússia de não incorporar a Ucrânia na OTAN. Assim, fecharam a possibilidade de um acordo diplomático. Biden tinha plena clareza de que Putin não poderia retroceder o cerco militar à Ucrânia de mãos vazias. Eis por que, desde os EUA, o chefe do imperialismo mundial afirmava com toda certeza que Putin ordenaria a invasão da Ucrânia. O governo ucraniano reclamou da insistência com que Biden anunciava a iminência da invasão. Mas, se mostrou incapaz de ter uma decisão própria em abrir a discussão de um acordo com a Rússia. O curso dos acontecimentos dependia inteiramente dos EUA, que estavam por levar o conflito ao impasse e daí à invasão da Ucrânia pela Rússia.

A campanha internacional da imprensa controlada pelas potências foi a de que os EUA, os aliados europeus e a OTAN estavam por uma solução pacífica, e que a Rússia avançava no caminho da guerra. O aparato publicitário comandado desde Washington inverteu completamente a verdade dos fa-

tos, pintando a Rússia como uma força poderosa, que estava na ofensiva. Na realidade, a Rússia esteve e está na defensiva. O ultimato de Putin ao governo da Ucrânia de interromper as tratativas de incorporar-se na União Europeia e OTAN se deveu ao cerco dos EUA e da OTAN à Rússia, que, desde a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, vêm passo a passo instalando bases militares no Leste Europeu e Báltico, voltadas contra o seu rival econômico e militar na Europa Oriental.

Em todos os choques e guerras civis que envolveram a Rússia e as ex-repúblicas soviéticas estavam presentes os interesses da burguesia norte-americana e europeia. Agora, a Rússia continua com suas ações militares de divisão da Ucrânia e anexação territorial, lançadas desde a crise de 2014. O reconhecimento formal, pelo Parlamento russo, da independência das auto-intituladas repúblicas populares de Donetsk e LuhansK, faz parte do desmembramento e posse da Crimeia pela Rússia. A bravata proferida por Putin de que a Ucrânia pertence por direito histórico à Rússia, reportando ao império Grão-Russo e condenando a revolução proletária por ter criado a URSS, não faz senão demonstrar que, em sua posição defensiva, diante do cerco norte-americano, realiza uma ofensiva sobre o povo ucraniano. E, por outro lado, a farsa de Biden, com a denúncia de que Putin pretende reerguer a URSS, reflete a necessidade do imperialismo de pôr a Rússia de joelhos.

Não bastaram, para os EUA e aliados europeus, o desabamento da URSS e a emersão de inúmeras repúblicas opositoras à Rússia, que teve de se adaptar a uma restrita Federação. O objetivo central da Guerra Fria havia sido cumprido sob os governos de Gorbachev e Ieltsin. A liquidação da URSS foi de ordem histórica, uma vez que interrompeu o processo de transição do capitalismo ao socialismo, que implicava o desenvolvimento da revolução mundial. O problema estava em que a Rússia havia se tornado uma potência regional, baseada nas conquistas da revolução proletária e da constituição da URSS, que congregou os povos oprimidos pelo império Grão-Russo.

As potencialidades econômicas da Rússia são gigantescas, diante de uma Europa esgotada e em declínio. A reorganização da centralização autoritária e a reversão por Putin do processo desordenado da restauração capitalista, em seguida à liberação de forças anárquicas da crise política, que se aprofundou sob o governo golpista de Ieltsin, se chocaram com o plano dos Estados Unidos de tornarem a Rússia em mais uma das semicolônias, ainda que com distinção. A Guerra Fria foi oficialmente declarada extinta, mas, na realidade, apenas mudou de forma, uma vez que os Estados Unidos mantiveram a OTAN e a potenciaram contra a Rússia.

É nesse marco que se chegou à intervenção e guerra na Ucrânia. Está claríssimo que a posição militar do governo e da oligarquia russos é defensiva diante do cerco imperialista, mas ofensiva diante da Ucrânia espremida entre os interesses da burguesia imperialista e os da oligarquia restauracionista. É fundamental distinguir o lugar dos EUA e o da Rússia nesse choque de forças. Igualá-los significa ocultar o lugar que cada um passou a ter no âmbito do capitalismo mundial em desintegração, depois da liquidação da URSS.

Somente é possível ao proletariado e aos demais explorados expulsarem as forças militares russas da Ucrânia, levando às últimas consequências a luta de classes pela expulsão dos EUA da Europa. A Rússia restauracionista não tem como manter sua condição de potência regional, a não ser submetendo as ex-repúblicas soviéticas à condição de serviços. E o imperialismo não tem como abrir respiradouros para a economia mundial, mergulhada na estagnação e marcada por recessões cada vez mais desintegradoras, a não ser avançando sobre o domínio russo regional e sobre seus recursos internos, bem como, diga-se de passagem, sobre as aspirações chinesas de manter os espaços ocupados na ordem internacional após o fim da URSS. Tudo indica, por enquanto, que a OTAN não irá se bater diretamente com as Forças Armadas russas.

As divisões na burguesia europeia expressam o temor de setores do imperialismo de os EUA incentivarem a guerra. O máximo que a Rússia poderá obter com a ocupação militar

da Ucrânia, no entanto, é retardar sua incorporação à OTAN. A tendência é de a crise na região impulsionar ainda mais as forças centrifugas e aumentar a animosidade das ex-repúblicas soviéticas à Rússia. Os Estados Unidos contam com essa possibilidade, e vão apertar ainda mais o cerco militar. Embora seja a segunda potência bélica, a Rússia não tem como passar à ofensiva e se bater contra a ampla aliança imperialista, montada pelos Estados Unidos no pós-guerra e por meio da Guerra Fria. A aliança recém-formada com a China constitui uma força mundial considerável, mas a possibilidade de se armar para uma guerra com os Estados Unidos é menos provável que a abertura de seus países à penetração do capital financeiro. O essencial, porém, está em que o confronto militar na Ucrânia evidencia um novo momento da manifestação das tendências bélicas do imperialismo.

A unidade da classe operária europeia contra a ofensiva dos EUA-OTAN é o ponto de partida para mudar o curso da guerra, virando as armas contra a burguesia imperialista e a oligarquia restauracionista russa. O proletariado norte-americano, certamente, romperia a sua letargia. A desorganização da classe operária mundial é o fator determinante da situação em que se coloca, objetivamente, o confronto dos EUA com a Rússia.

As manifestações contraditórias dos acontecimentos têm permitido ao gigantesco aparato de propaganda das potências ocultar o imperialismo como o fator determinante da detonação da guerra na Ucrânia, no dia 24 de fevereiro. A classe média mundial está sendo atizada a condenar a Rússia e a apoiar os carniceiros imperialistas. Está sendo convencida a esquecer-se dos fatos passados, como a guerra no Vietnã em 1975, os bombardeios da OTAN sobre a ex-Iugoslávia em 1999, a invasão dos Estados Unidos e Inglaterra ao Iraque em 2003, a intervenção na guerra civil da Síria e da Líbia, em 2011. Não há intervenção e guerra que os Estados Unidos não estejam presentes.

Putin exorta o exército ucraniano a derrubar o presidente da República e a instalar um novo governo. Assim, se coloca

inteiramente no terreno burguês da solução da crise política. Os explorados, de forma alguma, devem apoiar essa ação, que não corresponde à luta de classes mundial contra o imperialismo. O proletariado e demais oprimidos estão diante da tarefa de retomar o caminho da independência política, combatendo com seus próprios métodos e programa a oligarquia ucraniana, que obstinadamente se volta a submeter o país à União Europeia e à OTAN. Trata-se de construir seus próprios organismos de poder, e pôr em pé uma direção política que se coloque pela unidade da Ucrânia e a unidade de todos os oprimidos do continente. As condições da guerra exigem a urgência do proletariado intervir com suas próprias consignas.

A bandeira de desmantelamento da OTAN e de expulsão dos Estados Unidos em toda parte em que tenham bases militares deve estar na linha de frente. Somente assim, é possível lutar contra a invasão russa da Ucrânia, restabelecer a sua unidade territorial, conquistar a autodeterminação e acabar com os conflitos étnicos. Esse é o caminho para organizar a luta na Rússia e nas ex-repúblicas soviéticas, sob a bandeira do socialismo.

Fora os Estados Unidos da Europa!

Desmantelamento da OTAN!

Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia!

Por uma Ucrânia independente e soviética!

Nota Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI)

Ucrânia

Agrava-se a crise mundial

A classe operária e os demais explorados estão diante da necessidade de reagir com seu programa, política e organização próprios

28 de fevereiro de 2022

Em vários países, a pequena burguesia urbana está sendo arregimentada, para servir de base social à ampla aliança imperialista. Aliança essa liderada pelos Estados Unidos, para conter a ofensiva militar da Rússia no território da Ucrânia, cujo objetivo de Putin é o de derrubar o governo de Zelenski e de impossibilitar a vinculação do país à União Europeia e à OTAN. A imprensa internacional, controlada pelas potências, tem feito de tudo para ocultar que o principal responsável pela confrontação em solo ucraniano são os Estados Unidos, que comandam a OTAN. As manobras contra a Rússia na ONU - um covil do imperialismo - objetivam atrair a atenção mundial para a farsa do pacifismo norte-americano.

A cada avanço do cerco militar à Rússia, pelo braço ar-

mado norte-americano na Europa, se alterava o equilíbrio de forças alcançado no pós-guerra, fundamentalmente com o desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A OTAN foi montada como uma peça de guerra, assentada em uma poderosa aliança das potências imperialistas vencedoras, para varrer as conquistas históricas do proletariado russo e mundial. Era questão de tempo para se reconstituir um novo quadro de conflagração.

A queda da URSS ocorreu no marco do desabamento das “repúblicas populares” do Leste Europeu. O Pacto de Varsóvia e a URSS ruíram. E a OTAN se potenciou, incorporando os países que foram se desprendendo do sistema soviético burocratizado, adaptado e voltado à restauração capitalista. A via anárquica da restauração, desprendida sob o governo de Ieltsin, foi contida pelo regime montado pelo governo de Putin. Os Estados Unidos e aliados europeus se depararam com a necessidade da Rússia de recompor seu controle regional, que deita raízes no Império. Raízes que foram rompidas pela revolução proletária, pelo reconhecimento do direito à autodeterminação das nações oprimidas e pela constituição da URSS, mas que, sem o progresso da revolução mundial, não puderam ser extirpadas.

A Rússia montou uma Federação com uma pequena parte das quinze repúblicas soviéticas, que se dispersaram e foram procurar abrigo nas potências europeias e na OTAN. O braço armado dos Estados Unidos na Europa, de instrumento contra a URSS, passou a protetor militar das ex-repúblicas populares e ex-repúblicas soviéticas que se rebelaram. A incorporação da Ucrânia não seria apenas mais um passo, mas um passo que levaria próximo ao confinamento quase total da Rússia. Eis por que a resposta de Putin é defensiva.

O fato das Forças Armadas russas cercarem e invadirem a Ucrânia - um país indefeso - tem sido traduzido pelos Estados Unidos como uma posição ofensiva, contrária, portanto, à ordem mundial estabelecida no pós-guerra. E o fato objetivo da invasão representar um ato de guerra, que tem por conteúdo a opressão nacional de uma potência sobre uma débil nação

oprimida - que se está deixando arrastar pelo imperialismo norte-americano e europeu - evidencia profundas contradições, que emergem do capitalismo em decomposição e do processo de restauração, que ampliou sua marcha ascendente com a desintegração da URSS. Inevitavelmente, o retorno de parte das ex-repúblicas soviéticas ao capitalismo e a volta das ex-repúblicas populares à condição de servas das potências se tornaram meios e instrumentos de pressão dos Estados Unidos sobre o processo de restauração na Federação Russa.

Não há como Putin voltar no tempo, com a aspiração de reconstituir o extinto Império Grão-Russo. A revolução de Outubro de 1917 e a formação da URSS iniciaram a transição do capitalismo ao socialismo. Esse era o caminho de enfrentamento à dominação imperialista e de combate às suas tendências bélicas. A Revolução Chinesa confirmou a necessidade histórica de fortalecer e impulsionar o processo de transição como parte da revolução mundial. Esse caminho revolucionário se percorreu pela luta de classes e pelo desenvolvimento das forças produtivas socialistas até certo ponto.

A derrocada da URSS e a adaptação da China à economia de mercado impulsionaram a restauração capitalista, servindo, em última instância, aos interesses do imperialismo. O objetivo da Rússia de conservar seu poderio regional e o da China de expandir mundialmente sua capacidade produtiva e comercial passaram a se chocar com a hegemonia norte-americana e com os interesses de conjunto das potências europeias, e mesmo do Japão, nas condições de crise de superprodução e de guerra comercial.

O apelo da Rússia para que a Ucrânia não fosse incluída à União Europeia e à OTAN é defensivo. Defesa essa que tem origem na derrubada do governo pró-Rússia, em 2014, e na introdução da tarefa de promover a integração do país à União Europeia e à OTAN na nova Constituição, bem como na guerra civil em Donbass e na anexação da Crimeia pela Rússia. O acordo de paz de Minsk não resolveu o principal fator da crise, que era e é o do impedimento da Ucrânia de fazer parte da OTAN. Ou a Rússia reagiria contra a instalação

de bases militares em suas fronteiras, ou cederia ao objetivo dos Estados Unidos de completar o cerco impulsionado desde o desmoronamento da URSS.

O motivo imediato da ocupação da Ucrânia é o de impor ao governo ucraniano a renúncia ao plano de sujeição do país à OTAN. Mas, no estratégico estratégico, é o de recuperar o terreno perdido pela Rússia, com a diáspora das ex-repúblicas soviéticas. Em sentido contrário, os Estados Unidos estão em franca guerra comercial, intensificada pelo governo de Trump, com a ruptura da diretriz do multilateralismo, e voltada principalmente contra a China. Mas a Rússia é parte do mesmo problema. Os Estados Unidos se viram na contingência de voltar sua atenção à Ucrânia, uma vez que não pode admitir que a Rússia impeça o avanço das forças imperialistas na região, em que o proletariado revolucionário e seu partido bolchevique haviam erguido a URSS, nas condições da Primeira Guerra Mundial imperialista.

A adaptação da URSS ao capitalismo mundial, em um processo de reabilitação progressiva das forças burguesas internas, sob a guarda da burocracia estalinista, deu origem a um movimento histórico contrário ao da transição do capitalismo ao socialismo. Sem o controle da classe operária sobre as incipientes forças produtivas socialistas e sobre seu próprio Estado, minaram-se as bases da propriedade social dos meios de produção. A casta burocrática que se ergueu, movida pelas contradições internas da atrasada economia russa e pelos condicionamentos mundiais do imperialismo, acabaria se submetendo gradativamente à hegemonia norte-americana do pós-guerra.

A classe operária, que esteve na base da constituição da URSS, foi sendo posta à margem da direção política e econômica, de forma que lhe foi extirpada de seu seio o partido bolchevique. A liquidação da III Internacional, a mando de Stalin, resultou desse processo interno. Instaurou-se uma crise de direção sem precedente, ao se interromper e regredir a luta do proletariado pela transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Por esse

motivo, hoje, a Rússia, ou a Federação Russa de Putin, não tem como ser defendida pela classe operária e pelas massas camponesas pobres, como foi defendida com os métodos revolucionários na Primeira Guerra Mundial e, depois da Revolução de 1917, na guerra civil, a não ser que os explorados coloquem novamente de pé as organizações soviéticas e a sua direção revolucionária. O mesmo se passa nas ex-repúblicas soviéticas.

O proletariado ucraniano era e é a única força social capaz de derrubar a oligarquia pró-União Europeia, impedir o cerco da OTAN à Rússia e garantir a autodeterminação real do país. No entanto, não tem sido possível unir a classe operária russa e ucraniana, de tão desorganizada e influenciada pelo nacionalismo burguês e pequeno-burguês. Se o proletariado envolvido diretamente na guerra se mostra incapaz politicamente de se manifestar em defesa de uma reposta própria e oposta à do imperialismo e da oligarquia burguesa russa, muito mais difícil é para a classe operária na Polônia, Alemanha, França, Estados Unidos, enfim, para o proletariado mundial. Essa passividade da classe revolucionária na Europa, diante da guerra na Ucrânia, põe à luz do dia a gravidade da crise de direção.

Em meio a uma massiva campanha do imperialismo, camadas da pequena-burguesia começam a se movimentar. O isolamento social da Rússia tende a crescer na medida em que se prolongue a guerra, cresçam as mortes, agigante a onda de refugiados e aumente o amontoado de escombros. Os Estados Unidos passaram a contar a seu favor com a penetração nas massas da falsa tese de que procurou uma solução pacífica, e de que a OTAN é defensiva, diante de uma Rússia ofensiva. Na realidade, o imperialismo e seu braço armado empurraram Putin a ocupar a Ucrânia.

A posição do imperialismo de não enviar forças externas tão somente indica o imperativo de não instalar uma guerra na Europa, que poderia assumir características de guerra mundial. Mas, diante da resistência ucraniana e do receio da Rússia em usar todo poderio militar para esmagar os oponentes, cresceu a unidade das potências em torno às diretrizes de

Biden. Unidade que conta com a passividade do proletariado e com o apoio da opinião pública da pequena-burguesia contrária à invasão russa.

A mudança de posição da Alemanha, que passou a enviar recursos e armamentos para a resistência ucraniana, é a mais sintomática. E mais sintomaticamente ainda, foi a decisão do chanceler alemão de elevar os recursos destinados ao rearmamento do país. O que significa elevar a um novo patamar a escalada militar na Europa e no mundo. A indústria bélica vem exigindo medidas dessa natureza, em meio ao recrudescimento da guerra comercial. Esse é o principal sintoma da crise que, por ora, permanece restrita ao marco da Ucrânia e Rússia.

A unidade em torno às sanções econômicas tem transcendência no sentido de que os Estados Unidos estão usando as armas da guerra comercial. Não há segredo que os monopólios de petróleo e gás, comandados pelos norte-americanos, vêm há muito se opondo à independência como a Rússia controla e administra os seus abundantes recursos naturais. Pesa nas relações econômicas, o fato de fornecer 40% do gás à Europa. Washington exerceu grande pressão sobre a Alemanha, em particular, para que não colaborasse com a construção do gasoduto que passa pela Ucrânia. Agora, conseguiu suspender o funcionamento do Nord Stream. Essa retaliação faz parte da guerra comercial.

O desligamento dos bancos russos do sistema de pagamento (Swift), controlado pelos Estados imperialistas e pelo capital financeiro, manejado desde os Estados Unidos, foi anunciado com o objetivo de sufocar a economia russa, e, assim, provocar uma cisão entre os oligarcas e o governo, e causar descontentamento na população. O mesmo diz respeito ao corte de fornecimento de bens tecnológicos. Com tais medidas, atingem-se os ramos fundamentais da produção e os grupos de capitalistas que sustentam o governo Putin.

A discussão na imprensa, se a Rússia terá como contornar parte de tais medidas, é secundária. O mais importante é que evidencia o quanto a Rússia se encontra integrada ao

sistema de dominação imperialista. E o quanto os oligarcas se encontram premidos para irem adiante com a restauração capitalista, sob as diretrizes externas.

A restauração, por meio do capitalismo de Estado, tanto na Rússia quanto na China, já não serve ao capital financeiro internacional, que se encontra represado em um atoleiro. A Rússia poderia continuar oprimindo as ex-repúblicas soviéticas, desde que estivesse com suas fronteiras abertas ao capital financeiro e aos monopólios. Se é inevitável a influência econômica da Rússia na Europa Ocidental, muito mais ainda na região oriental e asiática a que está ligada historicamente.

A guerra na Ucrânia, por si só, afetará a Europa, e, por esse caminho, a economia mundial. O conjunto de sanções terá, como os próprios analistas da burguesia indicam, uma repercussão generalizada, derrubando ainda mais o crescimento mundial, já raquítico, e impulsionando a espiral inflacionária. As massas, duramente sacrificadas pela longa pandemia, terão de arcar com maior elevação do custo de vida e desvalorização do preço da força de trabalho. É por essas condições de opressão de classe que o proletariado se erguerá contra os capitalistas e seus governos, e poderão elevar sua compreensão sobre a necessidade de combater a ofensiva dos Estados Unidos contra a Rússia e a China, e, ao mesmo tempo, combater a burocracia oligárquica restauracionista.

Colocam-se, na situação, as bandeiras: pelo desmantelamento da OTAN; pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo; retirada imediata das tropas russas da Ucrânia; pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia; recuperação das conquistas revolucionárias do proletariado com a constituição da URSS.

Essas bandeiras correspondem à luta do proletariado, no campo da independência de classe e sob a estratégia histórica dos Estados Unidos Socialistas da Europa. É imprescindível que a vanguarda com consciência de classe trave essa batalha voltada a construir os partidos marxista-leninista-trotskistas, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

*Manifesto do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV
Internacional (CERQUI)*

Pelo fim da guerra na Ucrânia!

*Somente a classe operária organizada e unida em torno ao
programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da
barbárie do capitalismo em decomposição*

11 de março de 2022

Os Estados Unidos e potências europeias evitaram que a OTAN interviesse diretamente na guerra da Ucrânia. O motivo esteve e está em que a conflagração se estenderia para a Europa. Os Estados Unidos estão distantes, e, em princípio, poderiam ganhar muito com uma guerra no velho continente. Mas, para a burguesia europeia, seria desastroso ter de se bater contra a Rússia.

O acordo de golpear financeira e economicamente os russos foi obtido à base de muita pressão de Biden, uma vez que os europeus também serão imediatamente afetados. A economia mundial mal se convalesce do período da pandemia, e se ressentirá amplamente com o pacote de sanções montado pelos Estados Unidos. As últimas decisões do imperialismo norte-americano, de romper os contratos comerciais de compra do petróleo e da Inglaterra de diminuir sua dependência do

gás da Rússia, potencializam a guerra comercial e desequilibram amplamente os preços das commodities. Putin, em contrapartida, anunciou que poderá nacionalizar as multinacionais, que acatarem a diretriz das sanções e encerrarem seus negócios em território russo.

Os Estados Unidos e aliados contam com o isolamento de Putin para dificultar a vitória militar na Ucrânia. Na melhor das hipóteses, evitar que a Ucrânia seja completamente tragada pela Rússia. A guerra se tornou inevitável no momento em que os Estados Unidos e seu braço armado na Europa, a OTAN, se negaram terminantemente a aceitar o pleito da Rússia de uma Ucrânia neutra. O imperialismo tinha pleno conhecimento de que Putin e as Forças Armadas não poderiam retirar-se da fronteira com a Ucrânia de mãos vazias. O governo Zelenski não estava em condições de tomar uma decisão própria, como não poderia acertar um acordo de paz, sem que fosse orientado pelos Estados Unidos. Na condição de peão dos Estados Unidos e da União Europeia, decidiu expor a Ucrânia à ocupação russa, sabendo perfeitamente que seus amos não iriam enviar tropas para defendê-la.

Biden, nos momentos mais decisivos, alertava o mundo de que Putin não cumpriria a sua palavra, como se sua rede de espionagem fosse eficaz nas informações, quando, na realidade, a Casa Branca e o Pentágono sabiam que a inflexibilidade do governo russo se devia ao não atendimento do pleito de um acordo de uma Ucrânia neutra. Os Estados Unidos, portanto, empurraram o governo Zelenski a não aceitar a condição exigida pela Rússia, e empurraram Putin a decidir, finalmente, pela invasão da Ucrânia.

O resultado de mais de duas semanas de guerra evidenciou que o povo ucraniano tem servido de bucha de canhão para o imperialismo. E que a Ucrânia vem sendo utilizada como instrumento pela oligarquia burguesa russa, para recuperar o poder regional da Rússia sobre as ex-repúblicas soviéticas, evidentemente acossada pelo cerco militar da OTAN. A guerra já arruinou parte do país; provocou uma onda de refugiados; e alastrou o sofrimento da população submetida

ao fogo cruzado. Não se tem ainda o número preciso de civis e militares mortos.

O imperialismo se vale das imagens trágicas para comparecer como o santo que condena o carrasco. Age para impressionar a classe média e cegar a classe operária. Mas, o fato é que os Estados Unidos e aliados fizeram do povo ucraniano bucha de canhão para sua estratégia de apertar o cerco da OTAN e dos Estados Unidos à Rússia. A responsabilidade da Rússia não está no fato de procurar se defender da ofensiva da OTAN, mas de oprimir a Ucrânia, de pisotear o seu direito à autodeterminação e de utilizar os meios e os métodos militares próprios do imperialismo.

O fracasso da negociação, do dia 10 de março, na Turquia, indica que Zelenski continua sendo orientado a não aceitar as condições de Putin: neutralidade da Ucrânia e reconhecimento das repúblicas separatistas. Sem dúvida, é uma imposição de guerra a uma nação oprimida. O que independe do fato de seu governo ser xenófobo e pró-União Europeia-OTAN.

Somente o povo ucraniano, constituído pela maioria oprimida, pode decidir o destino de seu governo e de seu país. Está comprovado historicamente pela revolução proletária na Rússia, que a conquista do direito de separação e de autodeterminação somente é possível sob a ditadura do proletariado. Sem esse fundamento, não há autodeterminação da nação. A desorganização do proletariado ucraniano e a dominação oligárquica foram decisivas para que o levante de 2014 depusesse o governo pró-Rússia e constituísse um governo pró-União Europeia-OTAN. Também foi decisiva a desorganização do proletariado russo no campo da independência de classe, para reagir à anexação da Crimeia e ao incentivo do separatismo em Donbass. E graças à incapacidade de reação do proletariado com seu programa e política próprios é que o povo ucraniano e o povo russo não se uniram contra o cerco imperialista da OTAN à Rússia, bem como contra o governo e a oligarquia restauracionistas russos de intervirem sobre as ex-repúblicas soviéticas, sem que fosse por vontade de seu povo.

A Ucrânia não pode libertar-se da opressão nacional da Rússia, submetendo-se aos maiores opressores do mundo,

que são os Estados Unidos e as potências europeias. E a Rússia não tem como se defender do cerco imperialista norteamericano do pós-guerra e do fim da URSS, submetendo as ex-repúblicas soviéticas. Essa é uma contradição particular que se potenciou com a degeneração e a derrocada final da URSS em 1991. A guerra sangrenta da oligarquia russa contra a independência da Chechênia (1994-1996 e 1999-2009) estabeleceu um novo marco da opressão russa às nacionalidades, que haviam se libertado dos grilhões do império russo, galgado o caminho da revolução de Outubro e, livremente, decidido por constituir a URSS, em 1922, sob a direção do partido bolchevique e de Lênin. Somente sobre essa base histórica, é possível combater o nacionalismo burguês e pequeno-burguês - via de regra xenófobo -, que divide as massas.

A constituição da URSS se deu alicerçada no programa e nos fundamentos do internacionalismo marxista, que se opõem a todo tipo de nacionalismo. O reaparecimento e fortalecimento do nacionalismo no seio das ex-repúblicas soviéticas, o que inclui a Rússia, foi e é expressão do processo de restauração capitalista e de interrupção da transição do capitalismo ao socialismo. Essa profunda regressão histórica explica por que o proletariado russo, ucraniano e mundial se mantêm à margem de um dos mais importantes acontecimentos do pós-guerra. A propósito da guerra na Ucrânia, a Alemanha, derrotada nas duas grandes guerras, anunciou seu objetivo de aumentar o orçamento destinado ao seu rearmamento. Essa é a tendência que vem se potenciando há tempos, acompanhando o avanço da guerra comercial.

A explosão do conflito ucraniano antecipou a possibilidade de um confronto entre os Estados Unidos e a China. Há algum tempo, a política imperialista de “coexistência pacífica”, de “desarmamento”, “de multilateralismo”, de promoção da “democracia” e dos “direitos humanos” tem cedido lugar à escalada militar. A enorme dificuldade da economia mundial alcançar um crescimento compatível com as necessidades do capital financeiro e dos monopólios industriais forçam os Estados Unidos, cuja hegemonia do pós-guerra se encontra em declínio, a se chocarem com a China e a Rússia, cujas

particularidades advêm das revoluções proletárias, e de seu oposto, do processo de restauração capitalista.

A partilha do mundo do pós Segunda Guerra Mundial está esgotada. A liquidação da URSS correspondeu ao principal objetivo dos Estados Unidos e aliados. A burguesia imperialista esperava que a Rússia também se desmoronasse e abrisse seu rico território de matérias-primas às multinacionais, bem como se sujeitasse às diretrizes norte-americanas diante da desintegração do capitalismo mundial. Esperava também que a China não apenas abrisse suas fronteiras para o grande capital, como também passasse o comando do Estado para setores burgueses, vinculados aos interesses das potências. Como a Rússia e a China mantiveram um alto grau de independência, passaram a ser um obstáculo à política dos Estados Unidos. Em especial, o fato da China se tornar uma potência mundial rivaliza com os Estados Unidos e colide com a sua hegemonia econômica.

O choque entre as forças produtivas e as fronteiras nacionais, que esteve na base das duas grandes guerras, se recompõe em uma escala superior. A guerra na Ucrânia e o perigo de se europeizar, portanto, internacionalizar, dão a dimensão catastrófica da incompatibilidade entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como com as fronteiras nacionais. Está posta a necessidade de o proletariado, objetivamente, recuperar seu lugar como classe revolucionária. O problema se encontra no fato de seus partidos comunistas terem se degenerado pelo estalinismo e de o proletariado não ter podido ainda reconstituir sua vanguarda marxista-leninista-trotskista. O programa da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social e a estratégia histórica da ditadura do proletariado continuam vigentes diante do capitalismo imperialista, que se caracteriza pelas guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A guerra na Ucrânia evidencia a necessidade da unidade da classe operária mundial para quebrar a espinha dorsal dos Estados Unidos na Europa e combater as tendências reacionárias do nacionalismo russo e as suas ações contrárias à autodeterminação das ex-repúblicas soviéticas. A guerra que

se trava na Ucrânia não é uma guerra de libertação, mas de dominação.

O proletariado russo e a sua vanguarda com consciência de classe estão diante da tarefa de reconhecer a hecatombe que significou a destruição da URSS e a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, transição que se iniciou com a revolução proletária de Outubro de 1917. Seja qual for o resultado favorável à Rússia na guerra da Ucrânia, não tem como deter por muito tempo o avanço dos Estados Unidos e da OTAN. O mais provável é que as ex-repúblicas continuem a gestar o nacionalismo e a caminhar para os braços das potências europeias. Somente o proletariado com seus partidos revolucionários e com o internacionalismo marxista tem como combater o curso da barbárie capitalista e recuperar o terreno perdido para o imperialismo com a destruição da URSS.

O poderio militar da Rússia é respeitável, mas se assenta em uma economia exportadora de commodities e de recursos industriais-financeiros limitados, se comparados com as potências imperialistas, e com a própria China. É nesse marco que se coloca a necessidade do proletariado dar passos no sentido da superação da crise de direção, construindo os partidos marxista-leninista-trotskistas e reconstruindo o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional desenvolve sua campanha, guiando-se pelas bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Abaixo a burocracia e a oligarquia burguesa russa e ucraniana do poder! Pela ditadura do proletariado e restabelecimento da democracia soviética! Operários e demais trabalhadores, lutemos unidos sob a bandeira dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo.

Declaração Cerqui

Um mês de guerra

Os Estados Unidos e aliados europeus são os maiores responsáveis pela barbárie

É preciso que a classe operária e os demais explorados se levantem pelo fim da OTAN e das bases militares norte-americanas!

Faz parte dessa luta anti-imperialista, a defesa da autodeterminação da Ucrânia

26 de março de 2022

Desde os primeiros sinais da possibilidade da Rússia invadir militarmente a Ucrânia, o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) e suas seções denunciaram que os Estados Unidos estavam promovendo a guerra. Ao ordenarem a Zelenski que não aceitasse um acordo de neutralidade, o imperialismo norte-americano decidiu por tornar o povo ucraniano em bucha-de-canhão. Esse ponto de partida da guerra tem sido ocultado pela imprensa controlada desde a Casa Branca.

Completado um mês da incursão militar russa, a Ucrânia se encontra em ruínas, milhares morreram e milhões se refugiaram. O governo de Zelenski e o imperialismo propa-

gandeiam que a Rússia pode ser derrotada pela resistência heroica da população. O que justificaria o envio de armas e mercenários contratados em vários países.

A última peça da campanha norte-americana é a de que as tropas russas poderiam usar armas químicas e nucleares. Sabemos perfeitamente que em uma guerra tudo pode acontecer, a depender das forças em combate e do momento em que se encontra o desenvolvimento do confronto. Mas nada indica que o governo de Putin chegou ao ponto do desespero de recorrer às armas químicas e nucleares. É bom lembrar que os Estados Unidos inventaram o motivo das armas químicas para invadir o Iraque, em 2003, passando por cima do Conselho de Segurança da ONU, arrasando o país, destituindo o governo, montando um julgamento de crime de guerra, e decretando a pena de morte de Saddam Hussein.

O imperialismo norte-americano há muito se tornou um perigo para a humanidade. O sinal mais evidente e definitivo foi dado no momento que o governo Harry Truman usou o Japão, no final da Segunda Guerra Mundial, para fazer o teste da bomba atômica. Os Estados Unidos não somente se armaram com capacidade de eliminar países inteiros, como se tornaram o mais voraz vendedor de armas. A indústria bélica norte-americana se encontra amplamente entrelaçada à economia interna e externa, bem como ao Estado.

As guerras – foram muitas depois da segunda conflagração mundial – são de interesses umbilicais dos monopólios da indústria bélica e dos monopólios conexos, como os da energia etc. A OTAN se constituiu em um de seus principais braços militares na Europa, ao lado de países de outros continentes, que lhes servem de base militar. Os Estados Unidos promoveram uma gigantesca militarização do mundo, após a Segunda Guerra Mundial. Essa era e é a condição para a maior potência garantir a partilha do mundo, estabelecida em Ialta, sob a sua égide. O que implicava voltar todas as forças da burguesia mundial contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O fato da URSS, na partilha do mundo, contar com a Alemanha Oriental e com o Leste Europeu se

tornou um grande obstáculo à dominação imperialista.

A necessidade crescente de mercado se constituiu em uma força propulsora do militarismo imperialista, principalmente com o esgotamento do período de reconstrução do pós-guerra. Não era possível a convivência pacífica entre os Estados Unidos e seus aliados com a URSS, que passou a incluir as repúblicas populares do Leste Europeu. O mesmo ocorria com a Iugoslávia, nos Balcãs e a China revolucionária, no Oriente.

As fronteiras nacionais, que protegiam a propriedade social e o processo de transição do capitalismo ao socialismo, teriam de ser derrubadas, e restauradas as relações capitalistas de produção. O que se faria, ou pela guerra, pela ação da própria burocracia governante, ou pelos levantes populares internos, que poderiam derivar em guerra civil. Caminhos que poderiam ser combinados.

O Leste Europeu caiu como castelo de cartas, depois de fracassadas as intervenções militares do Kremlin na Polônia, Hungria e Checoslováquia. A Iugoslávia foi destruída por uma guerra civil e pelos bombardeios da OTAN na Sérvia. A URSS se desmoronou, mergulhada em uma profunda crise econômica e política, dando lugar a mais longa e sangrenta guerra civil na república separatista da Chechênia.

Os Estados Unidos e as potências europeias puderam, assim, passar por cima das fronteiras do Leste Europeu, demarcadas na Segunda Guerra, restabelecer o regime da propriedade privada dos meios de produção, impor governos servis e instalar a OTAN. A Iugoslávia teve um fim mais trágico, uma vez que se despedaçou em várias repúblicas burguesas, perdeu a unidade econômica e elevou às alturas o ódio nacional. A Alemanha capitalista se reconstituiu, se reergueu como principal potência europeia, e está pronta para se rearmar.

A dissolução da URSS deu lugar a novas fronteiras nacionais, com a diáspora das ex-repúblicas soviéticas. A fragmentação da URSS resultou em uma grande regressão econômica, A Rússia e as repúblicas que compuseram a nova federação

saíram enfraquecidas, sem poderem conviver em harmonia econômica, e pressionadas pelas crises internas. Veio à tona o problema da opressão nacional, típica do capitalismo imperialista. As relações de opressão, que estavam mais ou menos ocultas sob a URSS burocratizada e restauracionista, ficaram completamente expostas.

É nesse marco que explodem dois grandes conflitos: o da Geórgia e o da Ucrânia. Ambas ex-repúblicas soviéticas se colocaram na mesma trajetória das ex-repúblicas do Báltico, de se sujeitarem à União Europeia e à OTAN. Caso chegassem a esse ponto, o cerco econômico e militar do imperialismo à Rússia praticamente se fecharia.

A oligarquia burguesa e o governo Putin não tiveram como convencer as oligarquias burguesas e os governos da Ucrânia e da Geórgia a renunciarem a esse objetivo. Sob o impacto do colapso da URSS, irromperam os movimentos separatistas da Ossétia do Sul e Abecácia, entre 1991 e 1993, assim, desencadeou-se a guerra, em 2008, entre a Geórgia e Rússia. Em cinco dias, a Geórgia estava vencida, e a França mediava o acordo de paz.

A eclosão da crise na Ucrânia em 2014, como se vê, não foi um caso isolado. A derrubada do governo pró-Rússia e a instalação de um títere da União Europeia e dos Estados Unidos projetaram em toda a região os conflitos fronteiriços, indicando a influência do imperialismo. As forças econômicas das potências passaram da recuperação das fronteiras nacionais do Leste Europeu para a incorporação das ex-repúblicas soviéticas. Tratava-se, portanto, da expansão do capital internacional por cima das fronteiras da ex-URSS.

É completamente falsa a acusação de Biden e seus asseclas europeus de que a invasão militar da Rússia na Ucrânia expressa desígnios expansionistas. O correto é que a Rússia, enfraquecida economicamente, necessita conservar sob a sua tutela as ex-repúblicas soviéticas, sem as quais perderá a independência conquistada pela revolução de Outubro de 1917 e cairá de joelhos diante dos Estados Unidos. Mas, para manter tal poder, tem de exercer a opressão nacional. A Ucrânia é

estratégica à Rússia, tanto para conter o avanço dos adversários na guerra econômica, quanto para manter a capacidade de influenciar o ordenamento internacional, regido pelo imperialismo norte-americano.

Os acontecimentos mostram que há uma interdependência entre a autodefesa da Rússia diante do cerco das potências e a opressão nacional, exercida sobre as ex-repúblicas soviéticas. A guerra na Ucrânia sintetiza essa contradição. E não há como explicá-la em toda a sua dimensão, sem se recorrer às consequências econômico-sociais e ao significado histórico do processo restauracionista, impulsionado pelas forças contrarrevolucionárias, desde que Stalin e sua camarilha se apossaram da direção do partido bolchevique, do comando do Estado Operário e da direção da III Internacional. Instalou-se uma crise de direção revolucionária mundial sem precedentes, cujos brutais reflexos se manifestam na guerra da Ucrânia.

O predomínio do nacionalismo burguês e pequeno-burguês entre as massas oprimidas nas ex-repúblicas soviéticas e ex-repúblicas populares do Leste Europeu explica por que se mantêm nas trevas e não reagem contra a aliança imperialista, chefiada pelos Estados Unidos. E não são capazes de reconstituir sua unidade revolucionária internacionalista contra a opressão nacional exercida pela Rússia restauracionista, pela oligarquia que se apoderou da propriedade nacionalizada e pelo governo antioperário de Putin.

A guerra completou um mês sem perspectiva de um acordo de paz. As mais importantes cidades da Ucrânia continuam sendo bombardeadas e espalham-se as ruínas. Não se sabe precisamente o quanto a resistência ucraniana atingiu as tropas russas, mas se sabe que o fornecimento de armas pela OTAN a Zelenski, o apoio da população ao governo e a arregimentação de batalhões de mercenários têm dificultado a rendição da Ucrânia.

Os Estados Unidos se encontram em uma posição relativamente confortável. Assiste ao povo ucraniano servir de bucha-de-canhão, à onda migratória favorecer à hipocrisia

do humanitarismo, à Rússia se bater com as sanções econômicas e a crescer a campanha junto à classe média em favor da condenação de Putin. Ao imperialismo, interessa que a Rússia debilite a Ucrânia, e depois a entregue para o capital financeiro reconstruí-la. Essa é uma variante possível, tomada do ponto de vista estratégico. Interessa-lhe potenciar o ódio nacional aos russos, já discriminados pela oligarquia ucraniana e pela política chauvinista de Zelenski.

Ao completar um mês da guerra, Biden se reuniu com o Conselho Europeu, o Grupo dos 7 (G7) e OTAN. Há uma apreensão das potências europeias sobre maiores estragos econômicos, caso a guerra se prolongue e as sanções, exigidas pelos Estados Unidos, aumentem. A elevação para mais de 3,5 milhões o número de refugiados começa a pesar nas contas e nas condições sociais da Polônia. E o pedido desesperado de Zelenski, para que Biden determine à OTAN impor uma zona de exclusão aérea e enviar aviões de guerra às Forças Armadas ucranianas, precisava de uma resposta, ainda que não passasse de uma manobra.

As potências europeias fixaram a posição de evitar um confronto direto com a Rússia, que poderia derivar em uma guerra de maiores proporções. Biden anunciou uma ajuda de US\$ 1 bilhão ao governo da Polônia. O mais importante, porém, foi o compromisso de aumentar a “assistência militar” a Zelenski, reforçar a OTAN e enviar mais soldados para a Hungria, Eslováquia e Romênia. Tudo indica que as sanções econômicas chegaram ao limite suportável à Europa Ocidental; e a interferência direta da OTAN na guerra continua dividindo as forças do imperialismo.

Nessas condições, não se sabe quanto tempo mais a Ucrânia resistirá. Para a classe operária ucraniana e russa e os demais explorados, quanto mais durarem os bombardeios, mais sofrimento desnecessário, uma vez que não se trata de uma guerra de libertação. O povo ucraniano está sendo sacrificado por uma causa que pertence apenas à oligarquia burguesa e ao imperialismo. A classe operária russa assiste à destruição de cidades inteiras na Ucrânia, mas paga caro pelos gastos de

guerra e pelas sanções econômicas. Os explorados da Europa e dos demais continentes arcam com o aumento dos preços, do pesado custo de vida, da queda econômica, do fechamento de fábricas e do crescimento do desemprego.

A burguesia foi incapaz de defender as massas da pandemia, que deixou um rastro de 6,5 milhões de mortos, e milhões que foram empurrados à pobreza, miséria e fome. Agora, com a guerra na Ucrânia, os Estados Unidos e seus servís aliados impõem ao mundo medidas econômico-financeiras que recaem em toda a parte, mas principalmente sobre os países semicoloniais. São motivos de sobra para que o proletariado mundial se levante contra a insana guerra de dominação. Somente não se unem os explorados da Rússia aos da Ucrânia, os da Ucrânia aos de toda a Europa e os da Europa aos de todo o mundo, devido à crise de direção revolucionária. Mas, a sua vanguarda, ainda que embrionária, tem em suas mãos a orientação internacionalista do marxismo-leninismo-trotskismo.

Mantêm-se vigentes as bandeiras erguidas pelo Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional: Desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos; Fim das sanções econômicas; Retirada das tropas russas, Integralidade territorial e Autodeterminação da Ucrânia. De conjunto, essas bandeiras e tarefas revolucionárias correspondem ao programa dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo. Esse é o caminho para unir o proletariado e preparar as condições para as inevitáveis guerras de emancipação que virão.

O capitalismo há muito só tem a oferecer privações à maioria oprimida e guerras. A destruição da URSS interrompeu o processo de transição do capitalismo ao socialismo, mas não eliminou as suas bases objetivas e a necessidade de ser reconstituído pelas revoluções proletárias.

Declaração CERQUI

Prolonga-se a guerra na Ucrânia

*Por que não se chega a um acordo de paz?
É preciso que as organizações operárias tomem uma posição
internacionalista*

11 de abril de 2022

Os Estados Unidos e seus aliados europeus vêm recorrendo a cenas de destruição da Ucrânia, denúncias de massacres e de qualificação de crimes de guerra, que foram claramente denunciadas como falsificações. No dia 7 de abril, a Assembleia Geral da ONU decidiu, por uma pequena diferença de votos, suspender a Rússia do Conselho de Direitos Humanos (CDH) – dos 193 países membros, 93 votaram sim, 23 não e 58 se abstiveram. É sintomático que 81 países tenham se negado a seguir a proposição dos Estados Unidos.

Qualquer que seja a guerra, é destruidora de bens materiais, forças produtivas e vidas humanas. O que tem sido considerado violação dos direitos humanos não passa de hipocrisia burguesa e pequeno-burguesa. Não há como determinar regras de boa conduta às partes conflagradas. Uma arma fundamental do imperialismo é o controle sobre a imprensa mundial, que serve para divulgar suas mentiras e ocultar as

denúncias dos massacres, realizados pelo governo da Ucrânia em Donbass, durante vários anos. Os Estados Unidos, Inglaterra e França – as três maiores potências – causaram horrores no Iraque, no Afeganistão e na Síria, com o intervencionismo militar. E, se se identificar as causas das guerras de intervenção, se encontram os interesses do capital financeiro e dos monopólios, que se chocavam com o nacionalismo de Saddam Hussein, Mohammed Omar, Muammar Kadafi e Bashar Assad. Foram guerras movidas pela urgência do imperialismo de romper o protecionismo nacionalista burguês desses países.

Está claro que qualquer nação detentora de reservas petrolíferas e gás e abundantes fontes de matérias-primas estão obrigadas a seguir as diretrizes e as condições de exploração e comercialização, de acordo com os interesses do capital financeiro e dos monopólios; ou, então, enfrentarão o cerco econômico e militar do imperialismo. A guerra civil no Sudão, sem dúvida, é instigada e alimentada pelos Estados Unidos. O motivo: a disputa pelo controle do petróleo.

A Rússia não tem porte econômico para enfrentar uma guerra comercial. Os porta-vozes de Biden, na imprensa norte-americana, gostam de zombar do grau de desenvolvimento da Rússia, dizendo que a sua “economia é menor que a do estado do Texas”. E que a sua ousadia em desafiar os Estados Unidos e sua aliança europeia se deve à sua condição de potência militar. O que não dizem é que a poderosa aliança imperialista vem cercando a Rússia econômico e militarmente, para lhe arrancar o controle das riquezas naturais e acabar com a sua ascendência sobre as ex-repúblicas petrolíferas e detentoras de abundantes estoques de matérias-primas.

A OTAN, como se constata, continuou a ser um aparato militar estratégico para os Estados Unidos, mesmo depois de ter atingido o seu objetivo histórico, que foi o de desmoronar a mais avançada conquista mundial do proletariado – a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A ruptura da unidade entre as várias nacionalidades, que se uniram na revolução socialista de Outubro de 1917, abriu caminho para

a penetração das forças econômicas e militares do imperialismo, sendo a OTAN o braço armado do capital financeiro e do Estado norte-americano na Europa. A sua participação na invasão do Afeganistão indicou que seu raio de ação não mais se limitaria à Europa. No momento em que agravar o choque dos Estados Unidos com a China, a OTAN será acionada pela aliança imperialista.

A Rússia, por se encontrar em avançado estágio de restauração capitalista, não tem como conservar o fundamento democrático do direito à autodeterminação das ex-repúblicas soviéticas, estabelecido na origem da URSS, sob a direção do partido bolchevique e de Lênin. A Guerra da Chechênia e a da Geórgia resultaram do processo de restauração capitalista e do fortalecimento de interesses particulares das oligarquias burguesas, que foram se constituindo ao longo do processo de degeneração da URSS e de sua integração na órbita do imperialismo. Esse caminho de reconstituição da burguesia trouxe novos problemas econômicos. Os oligarcas das ex-repúblicas soviéticas tenderam a se colocar sob a guarda do imperialismo europeu e norte-americano; e a Rússia tendeu a defender seus interesses econômicos por meio de acordos de subserviência das ex-repúblicas, não excluindo a possibilidade de intervencionismo militar.

É nesse marco histórico e nas condições particulares da decomposição do capitalismo que o governo de Putin decidiu pela intervenção na Ucrânia. Eis por que esse acontecimento – o mais importante depois da Segunda Guerra e da Guerra da Coreia – trouxe à tona as mais profundas contradições da interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, iniciada pela Revolução Russa, pela constituição da URSS e pela edificação da III Internacional. O imperialismo impulsiona a guerra comercial, uma vez que se bate com a crise de superprodução, com um gigantesco excedente de capital financeiro e, portanto, com o esgotamento da partilha do mundo, promovida pelos Estados Unidos - a potência vencedora da Segunda Guerra.

O processo de restauração capitalista, impulsionado aber-

tamente desde a década de 1970, deu um fôlego à economia mundial e acomodou os interesses do capital financeiro e dos monopólios. A crise iniciada em 2008, tendo como epicentro os Estados Unidos, o que a distingue das crises anteriores do pós-guerra, obrigou o imperialismo norte-americano a reorientar suas diretrizes internacionais, voltadas ao acirramento da guerra comercial. Um fator substancial para que houvesse a reorientação se encontra na emersão da China restauracionista como potência econômica, que, embora tenha servido aos monopólios, passou a ter um lugar de peso na disputa por mercados e pela influência sobre uma significativa parcela dos Estados nacionais. Não há guerra comercial, sem que se potenciem as tendências militaristas e intervencionistas do imperialismo.

A guerra da Ucrânia antecipou as tendências de choques dos Estados Unidos com a China, tendo por motivo o controle de Taiwan. Em outras palavras, expôs o quanto a guerra comercial está prenhe de militarização das relações mundiais entre as potências em decomposição e as nações que procuram conservar sua independência, como são os casos mais destacados da China e Rússia. Na Ásia, pouco antes do conflito da Rússia e Ucrânia evoluir para a guerra, os Estados Unidos e Inglaterra armaram a Austrália de submarinos atômicos. O pacto Aukus evidenciou a escalada militar na região do Indo-Pacífico. Não há como desvincular o cerco armado no Leste Europeu contra a Rússia, e o que está sendo projetado na Ásia contra a China.

O esgotamento do processo de reintegração de ambos os países - que passaram por heroicas revoluções proletárias e que acabaram por se colocar no caminho da restauração capitalista, por meio da penetração do capital internacional em suas fronteiras nacionais - estabeleceu novas condições de pressão imperialista, assim que a crise mundial atingiu profundamente as economias das potências. A Rússia continuou como economia atrasada em referência aos países imperialistas, mas detentora de uma valiosa e estratégica riqueza natural, que abrange grande parte da região antes controlada

pela URSS. E a China se projetou como potência industrial e comercial, estabelecendo uma ligação umbilical com a economia norte-americana. O que vem agravando as contradições entre a necessidade de os Estados Unidos derrubarem a política de capitalismo de Estado do Partido Comunista Chinês, que se ergue como uma muralha protecionista. Há um evidente paralelo com a Rússia, que insiste em manter o controle da exploração, industrialização e comercialização de suas vastas matérias-primas. O que se passa na Ucrânia não é indiferente para a China. A resistência russa ao cerco da OTAN dará mais fôlego ao conflito da China com os Estados Unidos. Uma aliança mais ampla e segura entre a China e a Rússia dificulta a ofensiva norte-americana no Indo-Pacífico. É o que se espera, como resultado da guerra na Ucrânia.

A demora em se alcançar um acordo vem comprometendo a administração da crise econômica pelo imperialismo. As brutais sanções à Rússia não atingem apenas o inimigo, mas a própria aliança europeia, o que expõe as profundas contradições do capitalismo em decomposição. Seus efeitos recessivos e inflacionários têm tudo para ser duradouros. O imperialismo não alcançou uma unidade ao ponto de se lançar diretamente contra a Rússia, e provocar o início da terceira guerra mundial. Tem de se ater ao uso da Ucrânia como bucha de canhão. As tropas russas não puderam derrotar rapidamente a resistência ucraniana. Os motivos são secundários. O fundamental está em que a guerra se prolonga. Os Estados Unidos, em particular, têm interesse em um desastre material e humano, com o qual já está jogando para criar aversão geral das massas à Rússia. O fornecimento de armas, pelas potências, com maior poder de combate ao aparato militar russo não dará vitória à Ucrânia, mas permitirá que as Forças Armadas ucranianas aumentem sua capacidade de resistência, o que pode prolongar a guerra. Essa seria uma possibilidade para o governo Zelenski perder os anéis, preservando os dedos. E o custo em vidas ficaria sob a responsabilidade da Rússia. Se a Ucrânia não estivesse apoiada nos Estados Unidos e em sua aliança europeia, não teria tanta

capacidade militar para resistir ao assalto russo. Um acordo, certamente, acabará ocorrendo. Mas, as potências trabalham de forma que a Rússia não saia fortalecida, e reúna capacidade para poder fazer frente à ofensiva imperialista, que não cessará no pós-guerra.

Tudo indica que o governo Zelenski joga com um acordo de neutralidade, sem se comprometer a aceitar a proibição da militarização do país sob o auspício da OTAN. A anexação da Crimeia já é um fato, mas a separação da região de Donbass comparece como parte da defesa estratégica da Rússia no Mar Negro. A independência das proclamadas repúblicas de Donetsk e Luhansk acabará sendo parte da anexação. A quebra dos acordos de Minsk por parte do governo ucraniano e a guerra civil que se desencadeou facilitaram as manobras da Rússia no sentido das anexações. Um acordo de paz nessas condições se tornou difícil. O recuo das tropas russas das imediações de Kiev foi interpretado, pelos porta-vozes do imperialismo, como fraqueza militar, de um lado; e afirmado pelos porta-vozes do governo russo como uma mudança tática voltada ao controle do leste da Ucrânia, de outro. O pleito inicial de Putin, que os Estados Unidos respeitassem o acordo de 1997 – Ato Rússia-OTAN – não passou de propaganda. Putin necessita de um acordo que garanta uma neutralidade da Ucrânia de fato e que reforce suas defesas no Mar Negro, o que implica anexações.

Nas condições em que a classe operária da Ucrânia, da Rússia e do Leste europeu, principalmente, se encontra desorganizada e à margem dos acontecimentos, não há possibilidade de uma paz contraposta à ofensiva dos Estados Unidos-OTAN e ao objetivo anexionista perseguido pela Rússia. Uma paz sem as potências imperialistas e sem anexações somente seria possível nas condições do proletariado se unir em defesa da autodeterminação da Ucrânia, de sua independência perante o imperialismo e do jugo da opressão russa. Essa luta envolve o conjunto das ex-repúblicas soviéticas.

O fato de a crise de direção, que é de ordem mundial, impossibilitar os explorados de se unirem e trilharem esse ca-

minho não elimina as tarefas revolucionárias, que brotam das condições objetivas da decomposição do capitalismo. Ao se revelar as raízes históricas da guerra na Ucrânia, estabelecem-se as tarefas de retomar o caminho da revolução proletária de Outubro de 1917, de constituir as bases sobre as quais se levantou a URSS, de buscar pela democracia soviética, de reconstruir do Partido Mundial da Revolução Socialista e de aplicar os fundamentos internacionalistas do programa marxista-leninista-trotskista.

O CERQUI vem, firmemente, desenvolvendo a campanha por um conjunto integrado de bandeiras: pelo desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos, revogação das sanções econômico-financeiras contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Os acontecimentos as têm confirmado. E, tudo indica, continuarão vigentes após o encerramento da guerra. Esse conjunto indecomponível permite unificar o proletariado ucraniano, russo e de toda a Europa, o que refletiria sobre o proletariado norte-americano e mundial. Sem que se dê um passo nesse sentido, a guerra de dominação não tem como ser transformada em guerra de libertação, que somente pode ser encarnada pelo proletariado como dirigente da maioria oprimida.

A crise de direção é tão profunda que as direções sindicais são incapazes de mobilizar os explorados, sequer para derrubar as sanções impostas pela ditadura do capital financeiro. O que indica submissão ou adaptação à política de guerra dos Estados Unidos e aliados europeus. As divisões entre as esquerdas, por sua vez, atravancam, inclusive, manifestações unitárias pelo fim da guerra, em contraposição à ofensiva do imperialismo e à violação do direito à autodeterminação da Ucrânia. A defesa intransigente dos fundamentos do internacionalismo proletário e dos princípios marxistas da autodeterminação das nações oprimidas são a base para a vanguarda com consciência de classe se fortalecer no seio do proletariado, dos demais explorados e da juventude oprimida.

*Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV
Internacional (CERQUI)*

Aos trabalhadores e à juventude oprimida

Dois meses de guerra

*Estados Unidos recrudescem a ofensiva contra a Rússia
Somente a classe operária em luta pode enfrentar o imperialismo
e a barbárie*

26 de abril de 2022

O CERQUI denunciou que os Estados Unidos mostraram claro interesse em bloquear um acordo de paz e prolongar a guerra o máximo possível. A concentração de forças na região de Donbass, o afundamento do portentoso navio “Moskva”, da frota do Mar Negro e o abastecimento constante de armamentos sofisticados indicaram dificuldades da Rússia em derrotar a resistência da Ucrânia. Qualquer motivo é utilizado para não se chegar a um acordo. É o que demonstrou o recente encontro entre António Guterres, secretário-geral da ONU, e Vladimir Putin, presidente da Rússia.

O imperialismo norte-americano, que dirige os passos do governo Zelenski, vem sustentando a continuidade da guerra com uma vasta campanha mundial de isolamento da Rússia

e esmagamento econômico; bem como farto financiamento, envio de armas e instrução aos militares ucranianos. Quanto mais durar a guerra, quanto maior for a destruição material e de vidas, mais as forças russas serão atingidas e enfraquecidas. O prolongamento da guerra agrava a situação econômica na Europa e em todo o mundo. Empresários da indústria pesada e sindicatos da Alemanha pediram ao governo que detivesse a guerra e não avançasse com as sanções, uma vez que podem causar danos à economia, que levariam muito tempo para reparar.

Os Estados Unidos e a sua aliança europeia não precisaram, até o momento, intervir diretamente. A estratégia de aguardar os impasses da guerra e apoiar-se na capacidade de resistência das forças ucranianas, estão dando ao imperialismo frutos. Biden avalia que se tornou possível assegurar uma posição de superioridade de Zelenski nas negociações, de maneira a não aceitar o controle russo sobre a região de Donbass. Porta-vozes do governo norte-americano afirmam ser possível uma derrota da Rússia. Ainda que não seja esse o resultado do desfecho da guerra, o imperialismo conta com um enfraquecimento econômico e militar da Rússia.

A decisão de Biden de enviar armas de maior poder de destruição – como tanques, mísseis, caças-bombardeiros e drones – corresponde a uma fase de agudização da guerra, cujo perigo de se estender para além das fronteiras da Ucrânia e da Rússia está posto. É sintomático que o Pentágono tenha se reunido com os capitães da indústria militar – entre eles, a Lockheed Martin Corp e Rayton Co – para fornecer prontamente os armamentos que abastecerão as Forças Armadas da Ucrânia. Cumpre-se uma velha exigência dos Estados Unidos para que a Europa arque com os custos da OTAN e aumente seus orçamentos militares. A escalada armamentista se amplia em meio à guerra, e deve continuar tendo impulso no próximo período em que a guerra comercial dos Estados Unidos contra a China, há algum tempo em curso, deverá ser mais ofensiva.

O esgotamento da partilha do mundo na Segunda Guerra, a superprodução e o agigantamento do parasitismo financeiro

vêm gestando um quadro de confronto entre nações, que se assemelha a uma situação de pré-guerra mundial. A conflagração na Ucrânia foi e está sendo impulsionada e potencializada pelo intervencionismo norte-americano, que conta com a OTAN como um braço armado europeu e mundial. Os Estados Unidos já despejaram US\$ 2,6 bilhões em armamentos, e, agora, Biden elevou para US\$ 3,7 bilhões. A União Europeia contribuiu com US\$ 1,6 bilhão. Bastam esses dados oficiais para se constatar o empenho do imperialismo, para levar às últimas consequências a diretriz de fazer da Ucrânia bucha de canhão, diante de uma Rússia desesperada com o avanço do cerco militar da OTAN e a crescente perda de controle das ex-repúblicas soviéticas. A reunião do Secretário de Estado dos EUA, Antony Bliden, e do chefe do Pentágono, Lloyd Austin, com Zelenski, em solo ucraniano, foi um gesto de apoio à continuidade da guerra e de descarte das negociações de um acordo imediato.

No momento em que a guerra cumpre dois meses, a meta do Pentágono é a de exaurir o máximo possível a capacidade econômica e militar da Rússia. É certo que a Rússia esteja pagando caro pela guerra. O seu prolongamento aumentará o peso das perdas humanas e militares, que acabarão se tornando um fator de crise política no interior da Rússia. O imperialismo espera que haja uma cisão na oligarquia que ampara o governo Putin desde antes da guerra, e se destampem pressões da pequena-burguesia. A Europa também está pagando caro pela guerra, cuja economia está ficando mais debilitada.

A intensificação dos bombardeios e a desarticulação da resistência em Donbass - cujo dramático sintoma tem sido o cerco russo ao complexo de siderurgia-metalurgia Azovstal de Mariupol e a exigência de rendição da 36ª infantaria e do batalhão Azov, originado de grupos paramilitares fascistas - têm pendido a favor da Rússia. Tudo indica, porém, que, se as forças russas não controlarem rapidamente Donbass, a chegada de sofisticados armamentos poderá dificultar ainda mais a Putin anexar a região. É o que os Estados Unidos esperam ocorrer.

As manifestações de classe média na Europa Ocidental contra a Rússia não prosperaram. É bem provável que os governos não estão sentindo a necessidade de mobilizações, que poderiam abrir caminho para manifestações contrárias aos Estados Unidos e à OTAN. A guerra e as sanções econômico-financeiras já atingem a pequena e lenta recuperação, após a queda causada pelo longo tempo da virulenta pandemia. A elevada inflação tem provocado perdas significativas para os explorados. É bem provável que a classe operária e os demais trabalhadores reagirão mais cedo do que se pode prever. E se depararão com a guerra e suas catastróficas consequências. A combinação da estagnação com a alta inflação alimenta as latentes tendências de revolta entre os trabalhadores.

O fato de não ter sido fácil a reeleição de Emmanuel Macron, na França, neste 24 de abril, preocupou as autoridades da União Europeia, que temiam a vitória da ultradireita nacionalista, representada por Marine Le Pen. Macron vem tendo um papel de destaque na aliança norte-americana. A abstenção no segundo turno foi de 28,2%, 2,8% acima da ocorrida nas eleições de 2017. Macron, portanto, foi reeleito por uma baixa margem de votos, considerando a somatória das abstenções com os votos de Le Pen. Macron obteve 58% dos votos, Le Pen, 42% e abstenções, 28,2%. Seu governo foi marcado por grandes manifestações dos “coletes amarelos” e por greves operárias, que reagiram às contrarreformas trabalhista e previdenciária. A burguesia, em toda a Europa, inevitavelmente, continuará a descarregar a crise econômica e a desintegração do capitalismo sobre as massas, que terão de se movimentar.

Os desastres da pandemia se ligam e se potenciam com os desastres da guerra. Os explorados, desorganizados e atomizados, porém, não têm podido reagir à guerra com seu programa, política e métodos próprios de luta. Mas os bloqueios políticos e ideológicos que impedem o rompimento da inércia ou da quase inércia se chocam com as necessidades mais elementares da classe operária e dos demais explorados. As reivindicações elementares têm tudo para convergir com as bandeiras de luta contra a guerra de dominação, que se de-

senvolve na Ucrânia. Essa é a via mais provável de combate dos oprimidos contra a burguesia e os seus governos. A ação direta e a organização independente são a condição para a classe operária se colocar pelo fim da guerra, que já dura dois meses, e que, por enquanto, não há perspectiva de acabar.

A crise de direção se mostra de corpo inteiro, diante de uma guerra que assinala uma mudança substantiva nas relações mundiais, determinadas pelas potências, tendo à frente os Estados Unidos. O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional vem realizando uma campanha sistemática em torno ao conjunto de bandeiras: fim da guerra; desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; revogação das medidas econômico-financeiras contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Esse conjunto indecomponível de bandeiras permite à vanguarda revolucionária lutar pela unificação da classe operária russa, ucraniana, polonesa, de toda a Europa e mundial. Um passo que se dê nesse caminho favorece o trabalho dos marxista-leninista-trotskistas, voltado à superação da crise de direção, que se materializa na luta por reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

A conflagração na Ucrânia se assenta no capitalismo da fase imperialista de decomposição, que é de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Deita suas raízes na destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se ergueu como uma cidadela mundial da luta de classes e instrumento da transição do capitalismo ao socialismo, iniciada com a Revolução Proletária de Outubro de 1917. Eis por que a Rússia, em fase adiantada de restauração do capitalismo, não pode travar uma guerra de libertação anti-imperialista e anticapitalista, e não pode deixar de exercer a opressão nacional sobre as ex-repúblicas soviéticas. Ao mesmo tempo, a Rússia, enfraquecida com a dissolução da URSS, tem de ceder caminho ao capital financeiro e multinacional. A auto-defesa, promovida pelos meios e métodos da opressão nacional, graças à conservação do poderio militar, alcançado pela URSS na Segunda Guerra Mundial, não é capaz de evitar o

avanço do cerco imperialista.

Emergem nessas condições de desintegração do capitalismo, de guerras, revoluções e contrarrevoluções, os fundamentos marxistas da revolução mundial e do programa que se sintetiza na estratégia dos Estados Unidos Socialistas da Europa, erguido pela Revolução Russa, pela constituição da URSS e edificação da III Internacional da época de Lênin. Vem à tona, com toda a clareza, o significado contrarrevolucionário do revisionismo estalinista do marxismo-leninismo e a destruição da organização soviética, e a importância histórica da luta liderada por Trotsky contra a expropriação da classe operária pela burocracia termidoriana e do retrocesso histórico imposto nas condições em que a revolução política, concebida pelo marxismo-leninismo-trotskismo, não pôde se concretizar. O avanço da contrarrevolução estalinista corresponde também à derrota de todas suas concepções revisionistas que fracassaram: de que era possível “construir o socialismo em um só país, de que havia um “imperialismo democrático”, de que era possível “a coexistência pacífica com esse imperialismo”. A história demonstrou, dramaticamente, que suas políticas levam à restauração capitalista.

A URSS acabou sendo arrastada pelas forças restauracionistas e sucumbiu. A Rússia não teve outro percurso a fazer senão o de se sujeitar ao capitalismo mundial. Somente a classe operária pode combater essa via destruidora das conquistas históricas da Revolução de Outubro. Baseada na experiência do próprio processo de restauração, do desmoronamento da URSS, das guerras de opressão nacional e da incapacidade da burocracia contrarrevolucionária, vinculada à oligarquia burguesa russa, de conter o cerco e o avanço do imperialismo sobre as ex-repúblicas soviéticas, sobre a base dessa experiência se retomará o programa e as conquistas da revolução socialista. Eis por que é muito importante que a vanguarda compreenda as leis históricas que levaram à guerra na Ucrânia, e lute sob as bandeiras que, de fato, unam a classe operária mundial, e, em particular, a russa, ucraniana e europeia.

Por um 1º de Maio classista e internacionalista

*A classe operária deve reconquistar sua independência política
Lutar pelo seu próprio poder junto à maioria oprimida, para
acabar com a opressão imperialista, para colocar os meios de
produção a seu serviço*

*O capitalismo em completa decomposição nos afunda na miséria,
no desemprego, nas migrações, na precarização salarial, na perda
constante de direitos e na guerra! Não foi capaz de defender a
vida humana diante da terrível Pandemia. Sua sobrevivência nos
condena à barbárie.*

28 de abril de 2022

O capitalismo está nos afundando na barbárie. Os desempregados e subempregados são milhões, assim como os famintos, os pobres, os migrantes. A Pandemia agravou a situação, e custou mais de 6 milhões de vidas, e agora a guerra na Ucrânia ameaça transformar-se em uma nova guerra mundial, com suas consequências devastadoras. Suas consequências sobre as condições de vida já são descarregadas sobre nossos ombros.

A decomposição capitalista não para, e a guerra comer-

cial promovida pelos EUA se transforma em guerra bélica. Somente a classe operária, com sua política, pode parar este desastre, com seus próprios métodos de luta, com suas organizações, dirigindo os oprimidos. É hora de acabar com a paralisia das direções sindicais, de romper com sua política conciliadora com os governos e os patrões.

Também é hora de as organizações que se reivindicam da classe operária revivam o internacionalismo, as bandeiras da independência política, que abandonem o pacifismo, e sua subordinação ao democratismo burguês. As ilusões nas vias parlamentares, eleitorais, constituintes desviam e dividem os combatentes, e levam a novas frustrações, seja no Chile, Colômbia, Peru, Equador, Brasil ou Argentina.

Devemos discutir como tomar em nossas mãos essa luta. Não esperemos que os burocratas ou reformistas mudem suas políticas, temos de lhes impor um curso de ação.

É imperativo preparar uma luta generalizada de todos os trabalhadores, pelo salário e aposentadoria suficientes, para cobrir o custo de vida, para acabar com o desemprego e a precarização do trabalho; por Moradia, Saúde e Educação públicas.

E também a luta para acabar com o saque aos nossos países, de nossos recursos. Como já foi demonstrado na história, é a classe operária quem deve dirigir a luta anti-imperialista, pelo não pagamento da dívida externa e interna, pela ruptura com o capital financeiro e seus planos, pela estatização do setor bancário e comércio exterior, pela expropriação do latifúndio; pela estatização dos setores vitais da economia, que estão nas mãos do grande capital e das multinacionais.

Devemos dizer que a solução das tarefas nacionais e democráticas somente pode ser cumprida pela classe operária no poder, junto com a maioria oprimida. Não há outra forma de transformar a economia, e colocá-la a nosso serviço. Não há meios-termos. A burguesia é uma classe antinacional, nada se deve esperar dela e de seu regime. Este regime de ditadura do capital não acabará por meio de eleições e constituintes. O caminho é a revolução social.

Os partidos e movimentos nacionais reformistas, burgueses ou pequeno-burgueses, mostram sua covardia e incapacidade de enfrentar o que chamam de modelo neoliberal. Estão de joelhos diante do capital financeiro, oferecem colaboração e cooperação. Sua prostração é definitiva.

A classe operária vive o drama da debilidade ou inexistência da direção revolucionária, que esteja à altura das necessidades históricas, e que expresse politicamente a rebelião das massas, que procuram abrir caminho, apesar de todas as dificuldades e bloqueios. O caminho para resolver as reivindicações e recuperar os direitos é a da ação direta das massas, é o de confiar em seus próprios métodos de luta, em sua própria organização desde as bases, constituir a direção revolucionária, com a certeza de que o capitalismo não pode ser reformado.

É necessário que a vanguarda com consciência de classe realize o balanço das frustrações com sua direção, desde a falência da social-democracia, que no início do século passado passou para o terreno do imperialismo, até a traição do estalinismo contrarrevolucionário, que levou ao colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e um avançado processo de restauração capitalista, onde os meios de produção tinham sido socializados, destruindo o partido bolchevique, acabando com os soviets, dissolvendo a Terceira Internacional, perseguindo e liquidando grande parte da vanguarda que dirigiu a Grande Revolução de 1917. As políticas do estalinismo levaram a frustrações e derrotas em todo o mundo, em nome da “coexistência pacífica com o imperialismo” ao qual consideravam “democrático”; o respeito à partilha do mundo, acordado no final da Segunda Guerra Mundial; a política de organização das frentes populares com a burguesia; sua concepção etapista da revolução; etc. Hoje, estão integrados e colaborando estreitamente com os governos burgueses.

E também devemos fazer um balanço do lugar da Quarta Internacional, que não teve como cumprir o papel de direção revolucionária internacional, devido às correntes revisionistas que assumiram seu comando. Um balanço desde aqueles

que chamaram a vanguarda a ingressar nos partidos comunistas ou nos movimentos nacionalistas burgueses nos anos 1950; desde aqueles que se entusiasmaram com o foquismo nos anos 1960 e 1970, acreditando que havia um caminho rápido para tomar o poder, e aqueles que agora se democratizam abertamente.

Esse balanço é necessário para poder reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, sobre as bases programáticas alicerçadas em 170 anos de luta consciente para transformar a sociedade, desde o Manifesto Comunista. Estabelecendo partidos “bolcheviques”, verdadeiramente comunistas, em cada país, sob a estratégia de revolução e ditadura do proletariado, construindo seu programa. Essa é a luta que temos travado desde o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui), sobre a base dos princípios do marxismo-leninismo-trotskismo.

Neste 1º de Maio, levamos as bandeiras do FIM DA GUERRA. Desmantelamento das bases militares da Otan e dos EUA da Europa, que vêm preparando esta guerra há vários anos, e não quer nenhum acordo de paz. Não às sanções econômicas e financeiras contra a Rússia!; Pela retirada das tropas russas da Ucrânia! Não é por essa via de opressão e da intervenção militar que a Rússia deve ser defendida; Pela autodeterminação da Ucrânia e pela integralidade do seu território, rechaçando que a solução passe por sua fragmentação. Existe um perigo real de que a guerra se espalhe ao longo do tempo e regionalmente, com mais mortes, migrações, destruição de fábricas, pontes, estradas, casas. Além disso, as consequências da guerra já estão sendo sentidas na economia, principalmente com o aumento da inflação, que corrói o valor do salário. É urgente pôr fim à guerra desencadeada pela OTAN!

Essas bandeiras serão conquistadas por meio da luta unitária da classe operária russa, ucraniana e europeia. Essas bandeiras devem ser erguidas como parte de uma campanha pelo FIM da GUERRA. Não se trata de tomar uma ou outra consigna isolada, pois, é um conjunto de medidas para unificar a luta.

O imperialismo procura destruir o que resta da propriedade nacionalizada, apoderar-se dos enormes recursos que a Rússia possui, desarmar seu poder militar, fechar definitivamente a etapa que se abriu com a Revolução Russa. Mas seu objetivo mais importante é a China, que disputa sua hegemonia no mundo, que tem de enfrentar a todo custo.

A classe operária internacional deve intervir para derrotar o belicismo do capitalismo em decomposição, que pode causar uma nova guerra mundial, uma terrível destruição das forças produtivas, empurrando-nos mais rapidamente à barbárie.

Pelo fim imediato da guerra!

Socialismo ou barbárie capitalista!

Viva a revolução e a ditadura proletárias!

Viva o comunismo!

Edifiquemos o Partido Mundial da Revolução Socialista!

Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Três meses de guerra na Ucrânia

*Destruição, mortes e agravamento da crise mundial
Para conquistar a paz, é preciso pôr fim à presença da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos na Europa*

7 de junho de 2022

A decisão dos Estados Unidos de entregarem ao governo da Ucrânia armas ainda mais potentes agravará as condições da guerra. O imperialismo age no sentido de que está colocada a derrota da Rússia. Embora nada indique, por enquanto, essa possibilidade, tal objetivo tão-somente corresponde ao cálculo dos estrategistas do Pentágono de prolongar ao máximo possível o confronto militar.

A utilização de mísseis Hirmars hipersônico, de longo alcance e precisão, pelas Forças Armadas ucranianas, exigirá da Rússia uma resposta mais ampla, destrutiva e letal. De nada importa a promessa dos Estados Unidos de que o governo da Ucrânia se comprometeu a não estender a guerra para além de suas fronteiras. O fundamental está em que o novo armamento impulsionará a escalada do confronto, da destruição e das mortes. Esse é o caminho para ultrapassar os

marcos em que se desenvolve a ofensiva russa para controlar Donbass e a respectiva resistência ucraniana.

Está claro que o Pentágono pretende usar a Ucrânia como laboratório para o Hirmars da Lockheed Martin Missile, cujo custo é de US\$ 5,6 milhões. Para gastos tão elevados, Biden conta com US\$ 33 bilhões. O ostensivo intervencionismo do imperialismo norte-americano em defesa do ingresso da Ucrânia à OTAN foi o principal fator que levou Putin a decidir pela invasão militar, em 24 de fevereiro.

Não se tinha, no momento, a dimensão que tomaria a guerra. Mas, logo se observou que seria longa, destruidora e sangrenta. As tropas russas não apenas enfrentariam um país débil econômico e militarmente - guardadas as devidas proporções -, mas também enfrentariam uma ampla aliança imperialista, sob a direção dos Estados Unidos e de seu braço armado na Europa, a OTAN. Putin e o comando geral das Forças Armadas não podiam se valer da máxima capacidade destrutivas – não nos referimos às armas atômicas – para impor uma rápida vitória.

Os limites políticos de uma guerra são dados pela situação mundial e pelas condições das forças em confronto. A ex-URSS e, em seguida, a Rússia acumularam duras experiências de guerra, a do Afeganistão (1979-1989) e a da Chechênia (1991-1996). Um fato está em os Estados Unidos promoverem a destruição e matança no Iraque; outro, seria a Rússia fazer o mesmo na Ucrânia.

A aliança imperialista armou um cerco político em todo o mundo, e, principalmente, na Europa, para estreitar a ação militar das Forças Armadas da Rússia. Mesmo assim, o governo Zelenski e a aliança norte-americana fizeram um estardalhaço sobre uma suposta execução massiva de prisioneiros pelos soldados russos – suposta porque não foi comprovada. A campanha política, para condenar a Rússia e livrar os Estados Unidos, potências europeias e o governo títere da Ucrânia da responsabilidade sobre os conflitos que confluíram para a guerra, foi montada por toda uma estrutura de Estados ocidentais, para alcançar todas as latitudes do mundo.

A propaganda política em dimensões gigantescas serviu de

cortina de fumaça não apenas para apresentar o imperialismo como amante da paz, dos direitos humanos e da independência da Ucrânia contra a tirania russa, mas também para justificar o envio de armas e de recursos financeiros ao governo Zelenski, bem como para justificar as medidas de sanções à Rússia, até então desconhecidas por sua amplitude e por suas consequências deletérias à economia russa e mundial. A exigência do governo Putin, no fundo, consistia em limitar o cerco da OTAN, que se fortaleceria com a inclusão da Ucrânia e atentaria contra a segurança da Rússia, isso depois de ter violado todos os acordos de que a OTAN não se estenderia além da Alemanha. Tratava-se de uma questão antiga, que vinha desde a “Guerra Fria”, e que tomou proporções cada vez maiores com a desintegração da URSS, as tendências centrífugas que resultaram em rompimento da unidade das nacionalidades e o avanço da restauração capitalista.

As forças econômicas do imperialismo, valendo-se do fracasso da política do “socialismo em um só país” e da “coexistência pacífica” com o imperialismo, tiveram um papel decisivo no processo regressivo das transformações revolucionárias, iniciadas com a Revolução de Outubro de 1917. Seus interesses somente poderiam prosperar, após a Segunda Guerra, com a liquidação da URSS, levada a cabo pela própria burocracia herdeira do estalinismo, dividida, corrompida e completamente decomposta. Eis por que agravou em escala impensável a opressão nacional sofrida pelas inúmeras nacionalidades. A constituição de novas fronteiras nacionais na Eurásia, antes coberta pela unidade, ainda que golpeada pela burocratização e pela centralização autoritária do Kremlin, facilitou enormemente a penetração das forças econômico-militares, impulsionadas pelos Estados Unidos e União Europeia, sob a guarda da OTAN.

O imperialismo foi ganhando terreno paulatinamente, a começar pela assimilação da Alemanha Oriental, pela reintegração das ex-repúblicas populares do Centro e Leste Europeu e das ex-repúblicas soviéticas do Báltico. A intervenção da Rússia no conflito separatista na ex-república soviética da Geórgia evidenciou as tendências mais gerais de confrontos alimentados pela projeção das forças imperialistas na Eurá-

sia. Tendências essas que se manifestaram na crise ucraniana em 2014, e que acabaram dando lugar à atual guerra.

Desde a crise mundial dos anos de 1970, os Estados Unidos se viram na contingência de apertar o cerco a URSS. A OTAN se mostrou fundamental para a consecução desse objetivo. Desde esse momento, a guerra comercial se potencializou, motivada pelo esgotamento da partilha do mundo estabelecida no fim da segunda conflagração mundial. As forças produtivas, reconstruídas sob a chefia dos Estados Unidos, passaram a se chocar com as relações capitalistas de produção, como já havia ocorrido na eclosão da Primeira Guerra Mundial.

As potências europeias retardaram o quanto puderam a ofensiva norte-americana para submeter a Ucrânia à OTAN. A desintegração da URSS havia aberto caminho para os seus capitais, acordos comerciais e, sobretudo, garantia de abastecimento de petróleo e gás a um preço competitivo. A Alemanha foi uma das nações ganhadoras. As potências europeias acreditavam que não havia motivo para colocar a Rússia contra a parede, valendo-se da OTAN. Diante da progressão no terreno econômico, aberto pelo processo de restauração capitalista e desmantelamento da URSS, entendiam que não exigia uma franca ofensiva militar, a não ser por parte da Inglaterra, que perdeu projeção mundial e se tornou uma ponta de lança dos Estados Unidos na Europa.

Os três anos de acirrada crise mundial, de 2007 a 2009, nas condições de emersão da China como potência econômica, colocaram em um patamar mais elevado a guerra comercial. Os dois flancos dos choques de interesses econômicos se concentraram precisamente na China e na Rússia. Ambos se ergueram em contraposição ao capitalismo mundial e ao domínio norte-americano sobre a base das revoluções proletárias. E ambos adentraram ao processo de restauração capitalista, adaptando-se às pressões do mercado e do sistema financeiro mundiais. Enquanto os interesses do imperialismo, em particular os dos Estados Unidos, foram em certa medida atendidos, se manteve a máscara da convivência pacífica, dos interesses mútuos e da ordem global multipolar. Isso quando avançava-se com suas bases militares no mundo. Sua própria crise, decomposição e desintegração econômica abriram o cur-

so da transformação da guerra comercial e guerras militares.

A guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, em 2003, assinalou uma mudança significativa na ordem mundial. A intervenção no Afeganistão (2001) já havia indicado as profundas tendências bélicas encarnadas pelo imperialismo norte-americano. Mesmo assim, a China e a Rússia se colocaram por detrás do imperialismo, sob a justificativa de combater o terrorismo islâmico. Não tardou para que esse alinhamento se mostrasse conjuntural e insustentável. Os Estados Unidos, ao se tornarem o epicentro da crise mundial, recrudesceram a guerra comercial e o intervencionismo militar. As multinacionais e o capital financeiro necessitam romper o controle da Rússia sobre uma parcela significativa dos recursos naturais, principalmente a do petróleo e gás. O que vem resultando em disputa territorial, que envolve as ex-repúblicas soviéticas.

É nesse marco de agravamento da crise mundial e da violenta guerra comercial que se chegou à guerra da Ucrânia. E que se potenciam as tendências bélicas em torno à China, envolvendo Taiwan e Hong Kong. Biden justifica o envio de armamentos mais avançados ao governo de Zelenski, afirmando que não pretende capacitar a Ucrânia para atacar além de suas fronteiras. E que não quer “prolongar a guerra apenas para fazer a Rússia sofrer”. Essa farsa não tem como ocultar que os Estados Unidos usaram e vêm usando a Ucrânia como bucha de canhão para seus objetivos expansionistas na Eurásia. As pressões para que a Finlândia e a Suécia se incorporem à OTAN em plena guerra são mais um fator de que o cerco à Rússia vai continuar avançado, independente do acordo que possa vir a ser feito. É do interesse explícito dos Estados Unidos o prolongamento da guerra. O que vem causando críticas e fissuras no interior dos Estados Unidos e da aliança europeia. Os poderosos reflexos da guerra na crise econômica mundial, que mal convalescia dos impactos da crise sanitária, se fazem sentir globalmente. A perspectiva é da retomada da recessão, tendo à frente os próprios Estados Unidos. As massas são as que arcam com o maior peso do desemprego, da alta do custo de vida e da desvalorização da força de trabalho.

O problema está em que a classe operária europeia e mundial não despertou para o significado mais profundo da guerra da Ucrânia, que corresponde às tendências bélicas encarnadas pelo imperialismo, responsável pelas duas guerras mundiais. Essa dormência reflete a grave crise de direção, que tomou forma com a degeneração estalinista do Estado Operário, liquidação da III Internacional, avanço do processo de restauração capitalista e desmoronamento da URSS.

Agora, os explorados se deparam com o empobrecimento e miserabilidade. Cresce a necessidade de se defenderem coletivamente, com suas reivindicações, método de luta e organização independente. Tem muita importância revelar ao proletariado e à maioria oprimida a responsabilidade dos Estados Unidos e sua aliança pela guerra e por seu prolongamento, sem se descuidar de condenar a opressão nacional exercida pela Rússia restauracionista sobre as ex-repúblicas soviéticas.

O CERQUI vem fazendo uma campanha sistemática pelo fim da guerra, sob um conjunto de bandeiras interligadas: desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas, revogação de todas as sanções contra a Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Afirmou e afirma que somente a classe operária unida pode derrotar a bárbara ofensiva do imperialismo, pôr abaixo a política serviçal do governo oligarca de Zelenski, conquistar a autodeterminação da Ucrânia e combater toda forma de opressão nacional exercida pela Rússia.

Diante da política norte-americana de prolongar a guerra e da determinação do governo russo de controlar parte do território ucraniano pela força das armas, não é possível se chegar a uma paz que afaste os perigos do cerco a OTAN à Rússia e que assegure a integralidade territorial da Ucrânia, como expressão do direito à autodeterminação da nação oprimida.

O CERQUI chama a classe operária e à vanguarda com consciência de classe a lutarem contra o prolongamento da guerra, e por uma Paz sem o imperialismo e a OTAN. Pela unidade da classe operária europeia e mundial sob a estratégia da revolução proletária e dos Estados Unidos Socialistas da Europa.

*Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução
da IV Internacional*

Novo plano da OTAN

*Somente o proletariado organizado pode interromper a ofensiva
imperialista contra a Rússia e a China*

5 de julho de 2022

A cúpula de Madri, realizada pela OTAN, expressa o mais avançado estágio de decomposição do capitalismo após a Segunda Guerra Mundial. Ocorre nas condições de mais de quatro meses de bárbaro confronto militar na Ucrânia, de recrudescimento da crise econômica global, de projeção da miséria e fome na maior parte do mundo e, sobretudo, de emersão do espectro de uma terceira guerra mundial.

Os Estados Unidos, como não poderiam deixar de ser, estão à frente do cerco econômico-militar à Rússia, da utilização do povo ucraniano como bucha de canhão, das pressões pela escalada militar na Europa e mundial e da cúpula de Madri. A burguesia imperialista e o governo norte-americano são os principais responsáveis pela guerra na Ucrânia e pelo seu sangrento e destrutivo prolongamento. Mas somente podem estar à frente da escalada militar por contarem, principalmente, com o auxílio das potências europeias, em particular, com o da Inglaterra.

A intervenção russa na Ucrânia – precedida dos conflitos em 2014 em torno ao ingresso da ex-república soviética na União Europeia e na OTAN e da guerra civil separatista na região de Donbass – reflete o agravamento da guerra comercial, encabeçada pelos Estados Unidos, cuja frente de combate se concentra na China. A propaganda imperialista, de que se trata do choque entre a “democracia e os valores ocidentais civilizados” com os “regimes ditatoriais e avessos aos direitos humanos”, acoberta as reais causas de transformação da guerra comercial em guerra militar.

A decadência econômica e regressão da hegemonia norte-americana alcançada na Segunda Guerra Mundial, com a nova partilha do mundo e com o Plano Marshall de reconstrução da Europa e Japão, empurram seus monopólios e sua portentosa indústria bélica a defenderem posições estratégicas contra a China e a Rússia, fundamentalmente. Não foi suficiente a vitória da “Guerra Fria” contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se desmoronou no final de 1991, e contra a China, que abriu suas portas à penetração das multinacionais, impulsionando o processo de restauração capitalista.

O imperialismo, movido pela decomposição global do capitalismo, necessita e age para que ambos os países que realizaram a revolução proletária caiam de joelhos e sirvam de instrumentos para a manutenção da hegemonia norte-americana e da ordem internacional surgida da Segunda Guerra Mundial.

As forças produtivas, reconstituídas depois da hecatombe devastadora – é bom não se esquecer do bombardeio atômico ao Japão pelas forças aéreas norte-americanas -, estão em aberta contradição com as relações capitalistas de produção e com as respectivas fronteiras nacionais em que estão enraizadas. As derrotas do proletariado, a condução da burocracia estalinista à restauração capitalista, a liquidação da URSS e o mergulho da China no processo geral de restauração impediram de resolver essas contradições, desbloqueando o desenvolvimento das forças produtivas.

O aperto do cerco do imperialismo à Rússia, a guerra na

Ucrânia, a volúpia da guerra comercial contra a China e, agora, a Cúpula de Madri são evidentes indicadores de que constituem um dos marcos mais altos dos desequilíbrios e das rupturas da ordem mundial, após a Segunda Guerra. Eis por que o espectro de uma Terceira Guerra se levanta no horizonte.

É preciso acompanhar cuidadosamente o movimento castrófico da retomada das contradições do capitalismo de sua fase última, que é a do imperialismo. Contradições essas que estiveram na base das duas guerras mundiais, da destruição maciça de forças produtivas e do fortalecimento da dominação pelo imperialismo sobre a maioria das nações oprimidas. Contradições essas que impulsionaram, não apenas as guerras, mas também as revoluções e contrarrevoluções.

Os retrocessos e quebras nos avanços obtidos pelo proletariado mundial, tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra, constituem o maior perigo para a humanidade. O motivo está em que somente as revoluções proletárias, e, portanto, as transformações da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social e a libertação das nações oprimidas, que são a imensa maioria, podem interromper a marcha da guerra comercial e da escalada militar.

As deliberações da cúpula de Madri - em resposta à intervenção russa na Ucrânia e à aliança de Pequim e Moscou, ainda que frágil, bem como à persistência da China em manter sua marcha comercial ascendente e a conservação de Hong Kong e Taiwan como seus territórios históricos - expuseram um plano de guerra. A revisão do “Conceito Estratégico” para a próxima década estabelece como alvo a Rússia e a China. A Rússia atentaria contra a “estabilidade e a paz”, erguendo-se como uma “ameaça mais significativa e direta” aos aliados dos Estados Unidos. E a China agiria como um “concorrente sistêmico”, o que poria em risco a ordem controlada pelas potências.

Baseada nessa tese, típica da “Guerra Fria”, a cúpula de Madri aprovou o reforço das “forças em estado de alerta”, a instalação da primeira base militar permanente dos Estados Unidos no Leste, o ingresso da Finlândia e Suécia na OTAN e o aumento da capacidade financeira da instituição. Esse último ponto implica a cobrança da cotização de 2% do PIB

de cada um de seus 30 membros. A previsão, portanto, é de aumentar os gastos militares. Essa meta está de acordo com a escalada bélica europeia e mundial.

Desta vez, a reunião da OTAN contou com a presença do Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Ampliou-se à participação de países asiáticos com o objetivo de estender o raio de ação desse braço armado norte-americano, concebido para agir no Continente europeu.

Em setembro de 2021, os Estados Unidos, Inglaterra e Austrália selaram o denominado acordo Aukus. O pacto permitirá a Austrália construir submarinos atômicos de última geração. A força marítima da aliança possibilitará vigiar a região do Indo-Pacífico e controlar a rota comercial da China, bem como estabelecer um cerco militar, como os Estados Unidos têm feito com a OTAN nas fronteiras da Rússia. Está bem claro o plano militar do imperialismo norte-americano de integrar suas capacidades de guerra, abrangendo a Europa e a Ásia.

Eis por que os Estados Unidos e aliados europeus apresaram-se em integrar a Finlândia e a Suécia na OTAN. Não foi difícil convencer a Turquia em suspender o seu veto. O ditador Tayyip Erdogan aproveitou a ocasião para exigir da Suécia que deixe de proteger os “terroristas” curdos – na realidade, guerrilheiros curdos que lutam pelo direito de sua autodeterminação -, que extradite as lideranças foragidas na Suécia e ajude o governo turco a combater a nacionalidade insurreta. A Suécia é uma grande produtora e exportadora de armamento sofisticado. Tem interesse nas compras da OTAN e de seus países membros, incluindo a Turquia. O governo sueco não tem motivo para permanecer em sua histórica posição de nação neutra.

Está absolutamente claro que a população mundial, constituída em sua imensa maioria de proletários, camponeses e classe média, está diante de uma arremetida militar, que permite suspeitar que o imperialismo está caminhando para provocar um cataclisma mundial. O cerco da OTAN à Rússia e a conseqüente guerra que devasta a Ucrânia são a ponta do iceberg da crise mundial, que tende a opor ainda mais nações contra nações, povos contra povos.

As greves que começam a marcar a situação política da Europa após a pandemia, nas condições da guerra na Ucrânia e esmagamento das condições de existência dos explorados, são sintomas de efervescência das tendências objetivas de luta no seio das massas oprimidas. Essas tendências se verificam também na América Latina e em outras partes do mundo. Tudo indica que vão se avolumar com o prolongamento da crise econômica e social. Cabe à vanguarda com consciência de classe apoiar-se nas necessidades mais prementes e nas tendências mais profundas de revolta dos assalariados e camponeses pobres.

Trata-se de combater por um programa próprio dos explorados e avançar no sentido da luta pela revolução proletária, pela estratégia da ditadura do proletariado e pelos fundamentos marxistas do internacionalismo revolucionário. Não há outro caminho para interromper a marcha do imperialismo rumo a conflagrações militares mais amplas a não ser o de combate pelo programa de expropriação do grande capital e transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. É nesse campo de enfrentamento ao imperialismo e às burguesias nacionais que o proletariado recuperará suas conquistas perdidas para a contrarrevolução, constituirá novas organizações independentes e dará passos firmes na tarefa de superar a crise de direção. O objetivo estratégico encarnado pela vanguarda marxista-leninista-trotskista é a de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Diante da decomposição do capitalismo, da guerra na Ucrânia e da mais recente investida do imperialismo na cúpula de Madri, o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional mantém firme sua campanha internacionalista e bem alto as bandeiras: fim da guerra na Ucrânia, desmantelamento da OTAN e das bases militares dos Estados Unidos, revogação das sanções econômico-financeiras à Rússia; autodeterminação, integralidade territorial e retirada das tropas russas da Ucrânia. Não à submissão da Finlândia e Suécia à estratégia de guerra dos Estados Unidos! Rompimento de todos os acordos e pactos militares entre os próprios países membros da OTAN! Fim do cerco militar à Rússia e China!

Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

Ucrânia

Cinco meses de guerra

Sem a unidade revolucionária da classe operária europeia e mundial para pôr fim à guerra, não haverá uma solução e paz progressivas, e cresce o perigo de uma guerra generalizada, uma terceira guerra mundial

24 de julho de 2022

Não há nenhuma dúvida de que os Estados Unidos, apoiados pelas potências da União Europeia, usaram e vêm usando a Ucrânia como bucha de canhão, em seu objetivo de cercar econômico e militarmente a Rússia, com o objetivo de derrotá-la, desarmá-la e saquear suas enormes riquezas. Não há nenhuma dúvida de que a autodefesa da Rússia se faz por meio da opressão nacional sobre a Ucrânia. E não há nenhuma dúvida de que se trata de uma guerra de dominação típica do capitalismo em decomposição da época imperialista, portanto, distinta das guerras civis de emancipação encarnadas pelo proletariado, e guerras de libertação nacional travadas pela nação oprimida contra a nação opressora. Eis por que

o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional estabeleceu um conjunto de bandeiras e tarefas interligadas, voltadas a acabar com a guerra e impor uma paz progressiva. Bandeiras e tarefas que somente o proletariado e os demais trabalhadores unidos têm como traduzir na forma da luta de classes contra a burguesia, o imperialismo, a burocracia restauracionista, a oligarquia burguesa e os governos opressores.

O ponto de partida da luta pelo fim da guerra começa pela defesa do desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; e da revogação das sanções econômicas à Rússia. Faz parte dessas bandeiras a resposta proletária contra a entrada da Finlândia e Suécia na OTAN. Em resumo, os explorados devem se unir pela imediata suspensão e eliminação do cerco militar e econômico à Rússia. Esse ponto de partida se completa com a defesa da autodeterminação da Ucrânia e integralidade territorial. O que implica a retirada das tropas russas da Ucrânia.

A classe operária ucraniana e russa, que é uma só e faz parte do proletariado mundial, tem interesse comum em combater a ofensiva militar dos Estados Unidos e aliados ocidentais, não somente na Europa, como em todo o mundo. Mas, esse mesmo interesse leva os explorados ucranianos e russos a rejeitarem e a combaterem a opressão nacional exercida pela Rússia sobre as ex-repúblicas soviéticas. O objetivo urgente é o de levantar a classe operária europeia, tendo à frente os explorados e oprimidos ucranianos e russos, mais diretamente envolvidos e atingidos pela guerra. Uma ação inicial de unidade revolucionária do proletariado abre caminho para pôr fim à guerra e alcançar uma paz sem a imposição do imperialismo norte-americano e europeu, e sem a opressão nacional praticada pelo poder russo.

Tudo indica que esse passo está longe de se viabilizar. A classe operária ucraniana e russa se acha submetida aos Estados em guerra. Em particular, os explorados ucranianos se encontram subordinados aos condicionamentos do imperialismo, por meio do governo de Zelensky e da oligarquia bur-

guesa, interessada em submeter a Ucrânia à União Europeia, e, portanto, ao braço armado dos Estados Unidos, que é a OTAN.

O estilhaçamento da classe operária e dos demais explorados ucranianos e russos dão a exata dimensão da crise de direção mundial, que há muito atingiu as suas capacidades de resistir à decomposição do capitalismo, à liquidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ao brutal avanço da restauração capitalista, às inúmeras guerras de intervenção imperialista do pós Segunda Guerra Mundial, e à projeção da miséria e fome. É preciso considerar como parte do problema a inércia do proletariado das ex-“repúblicas populares” do Leste Europeu. Encontra-se profundamente condicionado pela situação de países párias das potências europeias, e controlado pelos governos pró-norte-americanos e pró-OTAN. A regressão organizativa, política e ideológica, causada pela dominação da burocracia estalinista, incapacitou a classe operária de reagir às forças contrarrevolucionárias restauracionistas. Eis por que o proletariado russo e os demais trabalhadores não se levantaram contra o cerco imperialista dos Estados Unidos, e contra a opressão nacional exercida pela Rússia. O programa e as tradições revolucionárias fundados na Revolução de Outubro de 1917 foram varridos ao longo do domínio do termidor estalinista, apesar de nunca ter cessado o descontentamento e a resistência instintiva do proletariado.

Sem os partidos revolucionários, sem as organizações de massa independente e sem a tradição dos combates ocorridos entre o período das duas Guerras Mundiais, a nova geração proletária se ressentiu do tolhimento de seus instintos de revolta contra a exploração capitalista, e a dominação das potências europeias e norte-americana. É o que explica por que o proletariado polonês, húngaro, romeno, checo, etc. não reagem às imposições da OTAN, à instalação de bases militares dos Estados Unidos e ao franco cerco montado pelas forças do imperialismo à Rússia. Essa mesma explicação, resguardadas as particularidades da situação estratégica, pode ser

aplicada ao proletariado Russo.

A guerra, a sua longa duração e a ausência de uma perspectiva de solução progressiva, bem como as tendências de agravamento da crise mundial, mostram sem atenuantes que a tarefa revolucionária começa pela luta da vanguarda por despertar a consciência dos explorados para a marcha ascendente da guerra comercial e da escalada militar, que perfilam as potências imperialistas contra a Rússia e a China. A tarefa começa, assim, por unir suas forças dispersas e divididas pelo fim da guerra na Ucrânia e pela sua organização independente, em torno às necessidades mais urgentes e ao programa da revolução proletária, dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do internacionalismo marxista-leninista-trotskista.

É nessas condições e no curso dos acontecimentos da luta de classes que a crise de direção será posta concretamente no seio dos explorados como um problema de primeira ordem. As tradições marxistas e as conquistas práticas do programa da revolução social e do internacionalismo proletário serão recuperadas e potenciadas com a luta pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional. Esse é o mais importante e principal fator que emerge da guerra na Ucrânia, e que vinha despontando desde a Segunda Guerra e, desde o período posterior de combate do imperialismo contra as conquistas do proletariado mundial, dirigido pelos Estados Unidos, e pela derrocada do Leste Europeu, Balcãs, URSS, China, Coreia do Norte, Vietnã e Cuba.

A recente reunião de Biden com o governo da Arábia Saudita e de Israel teve como resposta um encontro de Vladimir Putin e Recep Tayyip Erdogan (da Turquia) com Ebrahim Raisi, presidente do Irã. Biden pôs de lado sua condenação ao príncipe Mohammed bin Salman, por ter mandado assassinar barbaramente o jornalista Jamall Khashoggi, para tratar de negócios petrolíferos e militares. O fato de as sanções econômico-financeiras não terem atingido a capacidade militar da Rússia, como se esperava, e de terem agravado a crise econômica mundial, deu motivo para os Estados Unidos superarem a desavença com a Arábia Saudita, que é fundamental para a

política do imperialismo no Oriente Médio. O uso da OPEP em favor das sanções seria um trunfo, nas condições em que os próprios aliados dos Estados Unidos enfrentam uma elevada inflação, motivada pela escalada do preço do petróleo e do gás. Mas os objetivos de Biden são mais amplos.

A guerra da Ucrânia vem provocando um reordenamento das forças do imperialismo, para preparar uma ofensiva mais ampla contra a Rússia e a China. Foi o que se evidenciou na Cúpula de Madri, realizada pouco antes da “visita” de Biden ao Oriente Médio. O centro das preocupações do imperialismo norte-americano na região se encontra no Irã. Desde a ruptura do acordo de Barack Obama com o governo iraniano de limitação do uso da energia nuclear, levada a cabo por Donald Trump, em 2018, os Estados Unidos vêm impulsionando as alianças militares que incluem Israel e antigos adversários árabes, à espera de uma conflagração contra o Irã. A superação do isolamento do Estado sionista, no Oriente Médio, corresponde à necessidade do imperialismo, de enfraquecer o nacionalismo iraniano e submeter o país aos interesses gerais dos Estados Unidos na região. O Irã se tem aliado à Rússia e à China. O que é motivo de recrudescimento do cerco norte-americano e israelense ao país. A guerra civil e o intervencionismo imperialista na Síria, depois de mais de uma década de conflagração, ainda continua como motivo de choque do Irã e Rússia com os Estados Unidos. A longa guerra no Iêmen aprofundou o fosso entre o Irã e a Arábia Saudita.

Biden espera ter conseguido criar as condições para estreitar a ampla aliança anti-Irã, que, de certa forma, está planejada para funcionar contra a Rússia e a China. A imprensa chegou a afirmar que “a ambição americana é criar uma espécie de OTAN no Oriente Médio”. Trump, ao romper o acordo com o Irã, passou a pressionar os aliados a montar uma “rede de radares”, que seria alimentado pela tecnologia israelense e norte-americana. A cúpula de Putin, Erdogan e Raisi tratou de como burlar as sanções dos Estados Unidos contra a Rússia. O interesse do presidente da Turquia, que faz jogo duplo entre Estados Unidos e Rússia, é o de esmagar

o movimento separatista dos curdos, e ampliar seu controle sobre o Kurdistão sírio. Assim, negociam-se acordos de conveniência, de autodefesa, sobre a base da opressão nacional. O “Novo Conceito Estratégico da OTAN, exposto na cúpula de Madri, prevê uma escalada militar, não só na Europa, como também na Ásia. E certamente virá acompanhada de ações norte-americanas no Oriente Médio.

Esse quadro dá sinais de que a guerra da Ucrânia irradia um movimento mais amplo dos Estados Unidos, para confrontos com a China, Rússia e Irã. Em sua base, se encontra o esgotamento da partilha do mundo oriunda da Segunda Guerra, e a recomposição do choque entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as relações capitalistas de produção. A destruição da URSS, a recuperação do Leste Europeu, a absorção da Alemanha, a liquidação da Iugoslávia, a perda de influência da Rússia sobre boa parte das ex-repúblicas soviéticas, a subordinação das repúblicas bálticas à União Europeia, a ampla penetração do capital monopolista na base econômica da China e a dinamização das reformas pró-capitalistas em Cuba não foram suficientes para desafogar as forças produtivas mundiais, represadas pelas fronteiras nacionais e pelas envelhecidas e decompostas relações capitalistas de produção e distribuição. O imperialismo necessita que, de conjunto, se convertam em semicolônias servis, em uma ordem mundial hegemônica pelos Estados Unidos.

É nesse marco que os explorados suportam a carga do desemprego, subemprego, miséria e fome. Não há outra via e meio de responder à decomposição do capitalismo e da barbárie, a não ser com o programa da revolução e do internacionalismo proletário. Cabe à vanguarda com consciência de classe, em cada país, trabalhar sistematicamente pela organização dos combates e pela construção do Partido Mundial da Revolução Socialista. A campanha do CERQUI pelo fim da guerra e pela estratégia do internacionalismo marxista-leninista-trotskista é uma arma indispensável para dar os primeiros passos na unidade e na organização revolucionária do proletariado.

Taiwan

Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

Estados Unidos, uma ameaça à humanidade

Presença impositiva de Nancy Pelosi, um ato arrogante e de aberta provocação, indica os perigos de uma guerra do imperialismo norte-americano com a China.

É imprescindível que as organizações operárias e dos demais trabalhadores condenem a violação da soberania da China, e combatam a ofensiva militarista dos Estados Unidos e de seus aliados na OTAN.

3 de agosto de 2022

Uma sequência de recentes acontecimentos alerta para os perigos de a guerra na Ucrânia ultrapassar seus limites, e precipitar o desenvolvimento de choques que podem colocar a humanidade à borda de uma Terceira Guerra Mundial. Não se trata de alarmismo, mas de indicações que surgem da política norte-americana de confronto com a Rússia e a China.

São eles: 1. Cúpula de Madri da OTAN; 2) Reunião de Biden com a monarquia saudita para fortalecer os laços militares; 3) Encontro da Rússia e Turquia com o Irã, para fazer frente ao agravamento da guerra na Ucrânia. Dentre os três fatos, a Cúpula de Madri é que estabeleceu novas condições de expansão do cerco militar à Rússia e China. Em seguida, Biden autoriza a CIA a assassinar Abi Mohamed Ayman al Zawahiri, dirigente máximo da Al-Qaeda, violando o território do Afeganistão.

A “visita” imperativa da presidenta da Câmara de Representantes dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, do Partido Democrata, desconhecendo a reprovação do governo da China, representou um ato de prepotência do imperialismo norte-americano, e a disposição de ir à guerra, caso as autoridades chinesas impedissem pela força a sua presença. Não restou a Xi Jinping, a não ser fazer promessas de endurecimento com os Estados Unidos e demonstrações militares no entorno de Taiwan.

O encontro de Pelosi com a presidenta Tsai Ing-wen, do Partido Progressista Democrático de Taiwan (PPD), serviu ao imperialismo para assentar sua disposição de garantir a separação da Ilha da China, o que, se levada adiante, rompe o acordo de reconhecimento de que a Ilha é parte do território chinês, sancionado pela ONU, em 1971. Até então, Taiwan era considerado um Estado independente.

A Revolução de 1949 desferiu um golpe mortal à dominação imperialista da China. Os Estados Unidos, como grande vencedor da Segunda Guerra Mundial, se viram diante de mais uma importante ruptura no elo da cadeia internacional da dominação das potências sobre a maioria dos países semi-coloniais, e em favor do processo de transição do capitalismo ao socialismo, iniciado com a Revolução Russa e a edificação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

A reação pró-imperialista, encarnada pelo partido Kuo-mintang e derrotada pela aliança operária-camponesa, sob a direção do Partido Comunista, se refugiou em Taiwan, obtendo a proteção das potências vencedoras da Segunda Guerra, momento em que os Estados Unidos já exerciam a sua hegemonia internacional. A separação de Taiwan da China, quatro

anos depois dos acordos de Yalta e de Potsdam em 1945, acabou se inserindo na nova partilha do mundo. É imperativo reconhecer que a presente iniciativa dos Estados Unidos, de utilizar Taiwan em sua guerra comercial com a China, reflete precisamente o esgotamento da partilha originada da Segunda Guerra. O que também se passa com o cerco da OTAN à Rússia e a conseqüente guerra na Ucrânia. Acontecimentos pregressos ajudam a melhor compreender os motivos dos Estados Unidos prepararem uma guerra contra a China.

O imperialismo mudou a posição de sustentar Taiwan como República separada da China, nas condições em que se criavam os meios para o início de um processo de restauração capitalista, com a abertura do território chinês à penetração do capital financeiro e monopolista. As reformas pró-capitalistas de Deng Xiao Ping, na década de 1970, permitiram que os Estados Unidos reconhecessem, ainda que formalmente, a ascendência da China sobre Taiwan. A penetração do capital multinacional na estrutura econômica do país, e o impulso ao processo de privatizações no campo, davam a certeza de que Taiwan continuaria sendo um instrumento dos interesses do imperialismo e, em particular, dos Estados Unidos.

De fato, a Ilha do estreito de Formosa foi completamente moldada pelas relações capitalistas de produção, e subordinada estrategicamente ao imperialismo norte-americano na Ásia. É sobre essa base que Nancy Pelosi e a presidenta Tsai Ing-wen puderam fazer uma demonstração de contestação à soberania da China. Consta-se que a “Ata de Relações com Taiwan”, aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos, em 1979, foi redigida de forma que o governo chinês não pudesse utilizá-la em favor do princípio constitucional de “Um país, dois sistemas”, aplicados a Hong Kong e Macau, que evidentemente valeria para Taiwan.

Pouco importa aos Estados Unidos, que, oito anos antes, a ONU tenha reconhecido Taiwan como parte do território chinês. Os acordos internacionais se desmancham, nas condições de escalada da guerra comercial e da potenciação das tendências bélicas, encarnadas pelo imperialismo.

Os Estados Unidos em declínio se chocam com a expansão econômica, comercial e tecnológica da China. Taiwan alcançou a proporção estratégica para o punhado de potências que saqueia o mundo, desde o momento em que triunfou a revolução social, anti-imperialista e anticapitalista, na China. A “Guerra Fria” foi arquitetada para, no longo prazo, recuperar o terreno capitalista perdido para as revoluções.

Taiwan foi um ponto de apoio dos Estados Unidos na Ásia, voltado, durante um período, a cercear o avanço da revolução mundial, e continuou sendo, mesmo depois do processo de restauração capitalista se instalar e progredir na China. O desmoronamento da URSS, antecipado pelo retorno do Leste Europeu à órbita do imperialismo europeu e norte-americano, por sua vez, abriu caminho para os Estados Unidos realizarem uma ofensiva contra a Rússia, objetivando reduzir sua capacidade de controlar as imensas riquezas naturais, e manter sob sua influência as ex-repúblicas soviéticas. Há uma clara ligação entre a provocadora “visita” de Pelosi a Taiwan, as medidas de reforço militar na região do Indo-Pacífico, a guerra na Ucrânia, e a reaproximação de Biden com a monarquia saudita na Oriente Médio.

Há críticos entre os próprios porta-vozes e representantes da burguesia norte-americana. Acham que foi um erro do Congresso dos Estados Unidos e do pouco empenho de Biden em dissuadir Pelosi da viagem a Taiwan, não tanto pelo risco de que a China poderia confrontar o poderio dos americanos, mas principalmente quanto ao incentivo a Xi Jinping de se aproximar ainda mais de uma aliança com a Rússia. A tarefa seria continuar a armar Taiwan, dando-lhe maior capacidade para uma confrontação com a China. Seria mais uma bucha de canhão, como está sendo a Ucrânia. Está em andamento a construção de submarinos atômicos pela Austrália, impulsionada pelo acordo Aukus, que foi montado pelos Estados Unidos e Inglaterra.

Por todos esses motivos econômicos, e pelo percurso do expansionismo militar da OTAN, das forças norte-americanas, bem como pelo rearmamento do Japão, nota-se uma

confluência de acontecimentos, tendo a guerra na Ucrânia como centro irradiador, que constituem um quadro de pré-guerra mundial. Muitas foram as conflagrações militares após a Segunda Guerra e a Guerra da Coreia, mas não se havia chegado ao ponto de erguer no horizonte o espectro de uma Terceira Guerra.

É nesse marco que se manifestam a gravidade e a tragédia da crise de direção mundial do proletariado. Força e capacidade social, para a classe operária e demais explorados se erguerem contra o imperialismo, os Estados e governos que promovem as guerras de dominação, de destruição massiva de forças produtivas e de agigantamento da barbárie social, não faltam. Os explorados foram adormecidos pelas traições de suas direções, principalmente diante, durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

Na espinha dorsal do desarme ideológico, político e organizativo da classe operária internacional, encontra-se o estalinismo, responsável pela degeneração da democracia e da ditadura do proletariado, e pela derrocada da URSS. A social-democracia e toda sorte de reformismo pequeno-burguês serviram de auxiliares ao revisionismo estalinista do internacionalismo marxista.

Quando a URSS foi liquidada, o imperialismo e seus lacaios festejaram o “fim do comunismo” ou do “socialismo real”. Os Estados Unidos disseram que já não era preciso a “Guerra Fria”, e que nascia uma “nova ordem mundial de paz”. Não demorou muito para que esse entulho de falsificação histórica viesse abaixo. A OTAN, não apenas foi mantida, como também ampliada e reforçada. Assistimos, neste momento, que nenhuma das reconquistas da burguesia arrancadas do proletariado serviu para revitalizar o capitalismo em decomposição. Ao contrário, todas as reconquistas contrarrevolucionárias prepararam o caminho para a guerra da Ucrânia, e potenciaram os perigos de uma nova conflagração mundial.

O capitalismo da época imperialista, de guerras, revoluções e contrarrevoluções, está mais uma vez conduzindo a humanidade ao precipício. Somente o proletariado, apoiado

nas massas oprimidas da cidade e do campo, tem capacidade histórica de interromper o curso da barbárie, por meio das revoluções e constituição de Estados soviéticos. Os explorados não se deram conta da profundidade da crise mundial, devido a décadas e décadas de política de conciliação de classes, e de inúmeras derrotas de extraordinária magnitude. Sem os seus partidos marxista-leninista-trotskistas e sem o Partido Mundial da Revolução Socialista, os oprimidos não têm conseguido transformar suas lutas em força revolucionária, voltada a derrubar o poder da burguesia e vencer o domínio imperialista. Mas as inúmeras e duras experiências estão amadurecendo as condições para o ressurgimento da vanguarda com consciência de classe em toda a parte. Trata-se de expressar as novas experiências, como as gestadas pela guerra na Ucrânia, para reerguer o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O CERQUI vem realizando uma campanha internacionalista pelo fim da guerra na Ucrânia, sob a diretriz de que a tarefa é a de unir a classe operária em torno a bandeiras e tarefas revolucionárias. Os acontecimentos têm demonstrado a correção da defesa pelo desmantelamento da OTAN e de todas as bases militares dos Estados Unidos na Europa; revogação de todas as sanções econômico-financeiras à Rússia; pela autodeterminação, integridade territorial e retirada das forças militares russas da Ucrânia. Acrescentam-se: Fora Pelosi de Taiwan! Repúdio à provocação imperialista!

Operários, camponeses e demais trabalhadores, a única via para acabar com a ofensiva do imperialismo contra a China e a Rússia e barrar o curso da guerra é a da revolução, que coloque o proletariado no poder e que fortaleça o internacionalismo comunista.

Resolução do Comitê de Enlace sobre a guerra na Ucrânia

20 de março de 2022

1. A ocupação militar da Ucrânia pela Rússia reflete as condições de desintegração do capitalismo mundial, agravadas desde a crise de 2008. Momento em que os Estados Unidos recrudesce a guerra comercial e impulsionam as tendências bélicas encarnadas pelo imperialismo. Há uma relação intrínseca entre a guerra comercial e a escalada militar.
2. A guerra comercial abala as relações mundiais do pós Segunda Guerra. Depois da destruição maciça de vidas humanas, de forças produtivas e riquezas patrimoniais, veio a reconstrução da Europa, sob a direção dos Estados Unidos. Uma nova ordem mundial se estabeleceu com a partilha do mundo. Os Estados Unidos emergiram como a potência hegemônica reconstrutora dos escombros deixados pelos anos de guerra mundial. E, nessa condição, ditou a configuração da nova ordem mundial.
3. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na condição de integrante da aliança vencedora contra a Alemanha, Japão e aliados, tomou parte da nova partilha do mundo, realizada na Cúpula de Ialta. Coube-lhe, na divisão das áreas de influência, os países do Leste Europeu,

que se constituíram em “Repúblicas Populares”, e parte oriental da Alemanha.

4. As potências europeias vencedoras seguiram os ditames dos Estados Unidos, reconfigurando o Oriente Médio, a África e parte da Ásia. A América Latina se manteve completamente à mercê das diretrizes norte-americanas, o que reforçou sua subordinação ao capital financeiro e multinacional.
5. A ordem do pós-guerra contou com a edificação de instituições controladas pelo imperialismo. Criaram-se a Organização das Nações Unidas (ONU), em substituição à Liga das Nações, instituída após a Primeira Guerra Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (Bird), a Organização para a Cooperação Econômica Europeia (OCEE) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Mais tarde a OCEE foi substituída pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). É nesse marco que se forja a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), cuja função era e é a de auxiliar os Estados Unidos montarem em todo o mundo uma estrutura militar intervencionista, assim se constituiu como um de seus braços armados na Europa. Esse conjunto corresponde à forma e ao conteúdo da hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra.
6. A URSS também montou sua estrutura, mais como reação à ofensiva dos Estados Unidos do que como um meio de exercer um poder geral na nova ordem. É o que indica a criação do Conselho de Ajuda Econômica, Científica e Técnica (COMECON). Mais tarde, a URSS se viu obrigada a estabelecer um acordo militar com as Repúblicas Populares, fundando o Pacto de Varsóvia. A sua capacidade defensiva dependia, no entanto, do desenvolvimento das forças produtivas socialistas, da luta de classes dos explorados contra a burguesia e do avanço da revolução mundial, sabotada pela direção estalinista, que se submeteu aos acordos de partilha do mundo e de coexistência pacífica, seguindo a diretriz “socialismo em um só país”, que se opunha ao internacionalismo marxista-leninista-trotskyis-

ta. O poderio econômico dos Estados Unidos, agigantado com a guerra, com sua aliança imperialista, sufocaria a economia da URSS e das Repúblicas Populares, e reduziria o poder militar do Pacto de Varsóvia.

7. A vitória da Revolução Chinesa, pouco depois do fim da guerra, pendeu em favor do proletariado mundial e, portanto, da URSS, do COMECON e do Pacto de Varsóvia. Emergiu nas entranhas da carnificina da Segunda Guerra, como emergiu a Revolução Russa na Primeira Guerra, expressando objetivamente a via da transição do capitalismo ao socialismo. A unidade revolucionária entre URSS e China poderia fortalecer o campo da luta socialista diante da emersão da potência norte-americana, da nova partilha do mundo e da estruturação da nova ordem do Plano Marshall e da OTAN. É necessário assinalar a importância da Revolução Cubana na América Latina, ocorrida praticamente no quintal dos Estados Unidos. A degeneração estalinista da URSS, de um lado, e o marcante peso do nacionalismo socialista maoísta, de outro, porém, favoreceram a estratégia da “Guerra Fria” dos Estados Unidos. O conflito sino-soviético serviu às pressões do imperialismo, no sentido de derrubar a URSS e impulsionar o processo de restauração capitalista.
8. A virada de Mao Tsé-Tung em favor da política de “coexistência pacífica” com o imperialismo, formulada por Nikita Krushev, abriu caminho à aceleração do processo de restauração capitalista na China e favoreceu o enfraquecimento da URSS, mergulhada na crise econômica. O acordo, em meados de 1970, de abertura da economia chinesa para a penetração do capital financeiro e das multinacionais marcou uma virada nas relações mundiais do pós-guerra. Indicou que a economia chinesa encerrada em suas fronteiras nacionais já não podia garantir a sobrevivência da burocracia governamental e do Partido Comunista.
9. A URSS e seus satélites do Leste Europeu se debilitaram diante do extraordinário controle mundial da economia pelos Estados Unidos e por sua aliança, que passou a

- incluir a Alemanha e o Japão, derrotados na guerra. A confluência de interesses da burguesia mundial em relação ao objetivo de retroceder as revoluções ocorridas entre as duas guerras chegou ao ponto da vitória da contrarrevolução concluir com a liquidação da URSS, base para impulsionar a liquidação das revoluções do século XX.
10. A burocracia estalinista sofreu transformações ao ponto de uma de suas frações procurar se afastar da figura de Stalin e evitar comparecer como herdeira da política vigente durante três décadas. Sob a condução de Krushev, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) serviu para condenar os “crimes de Stalin”, de forma a acobertar o caráter direitista da diretriz da “coexistência pacífica” com o imperialismo. Leonid Brejnev o sucede por meio de um golpe de Estado, e se veste de filostalinista. A intervenção da URSS na Alemanha Oriental (1953), Polônia (1956) e Hungria (1956) havia indicado a diretriz de esmagamento de qualquer insubordinação dos países satélites.
 11. Com Brejnev, se estabeleceu a doutrina do intervencionismo em nome da defesa do Estado soviético. A invasão militar da Tchecoslováquia, em 1968, acabou por revelar o estado avançado do processo de restauração capitalista, influenciado pelo imperialismo, que iria tomar conta do Leste Europeu e pôr abaixo as “repúblicas populares”. De um lado, as forças burguesas restauracionistas incentivavam o descontentamento das massas com o regime burocrático; de outro, o Kremlin recorria aos métodos policiais e militares de contenção dos levantes. Sem a direção revolucionária, o proletariado não teve como responder à crise econômica e política com seu programa socialista. A derrota da intervenção no Afeganistão, por sua vez, acelerou o processo de desintegração da URSS. No fundo, foi uma vitória dos Estados Unidos, que apoiaram as forças de resistência afegãs. Brejnev concluiu realizando acordos de limitação de armas nucleares, que eram do interesse do imperialismo norte-americano. Alimentou-se a ilusão sobre as intenções pacifistas do imperialismo.

12. A “queda do muro de Berlin” deu partida à quebra de influência da URSS na região. E a Polônia tornou-se o epicentro da crise das repúblicas populares. A oligarquia restauracionista e a Igreja arrastaram camadas da pequena-burguesia e inclusive do proletariado a derrubaram o regime pró-URSS. Depois do fracasso da invasão militar da Checoslováquia, não havia mais condição para a burocracia governamental russa barrar a ofensiva restauradora, manejada pelas potências europeias e pela norte-americana. Integradas à União Europeia, as ex-repúblicas se abrem para penetração da OTAN e à instalação de bases militares dos Estados Unidos.
13. A crise, que levou à desintegração da República Socialista Federativa da Iugoslávia, fez parte do processo de reconquista dos capitalistas do que haviam perdido durante e no pós-guerra. O governo “socialista”, que uniu várias nacionalidades, não foi capaz de superar o nacionalismo. O estalinismo contribuiu para o isolamento da Iugoslávia, bem como o maoísmo. A sua desintegração se deu, inicialmente, com a guerra civil, alimentada pelo imperialismo, e concluiu com a intervenção da OTAN contra a Sérvia. O braço armado dos Estados Unidos na guerra do Kosovo ignorou o Conselho de Segurança da ONU, e expôs a função da OTAN de alterar a partilha da Europa do pós-Segunda Guerra.
14. A contínua expansão da OTAN no Leste Europeu indicou a marcha do imperialismo rumo ao cerco à Rússia. A incorporação das ex-repúblicas soviéticas do Báltico demonstrou que o seu avanço iria além das ex-repúblicas populares. Na Cúpula de Bucareste, em 2008, Georg W. Bush pressionou as potências europeias a concordarem com o objetivo de incorporar a Ucrânia e a Geórgia. Alemanha e França resistiram à proposição, sabendo que significava uma ruptura de acordos que vinham desde a existência da URSS. Já estava, porém, rasgada a Ata da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa, aprovada em Helsinque, em 1975.
15. A farsa do fim da Guerra Fria e do estabelecimento da co-

existência pacífica não demorou a se desfazer. O imperialismo a utilizou para isolar a URSS, sabotá-la, enfraquecê-la e, finalmente, desmoroná-la. A burocracia, a oligarquia burguesa e o governo russo serviram aos interesses do capital internacional, impulsionando a subordinação da URSS aos ditames mundiais das potências e ao processo de restauração capitalista. A liberação das forças centrífugas empurrara parte das ex-repúblicas soviéticas para o campo do imperialismo. A Rússia não teve como conservar sua influência regional, apesar de constituir federação da Comunidade de Estados Independentes (CEI) com uma parcela das ex-repúblicas soviéticas.

16. A derrubada do governo pró-Rússia, na Ucrânia, em 2014, promovida pela oligarquia e apoiada pelos Estados Unidos, constituiu-se em uma ação voltada a incorporar o País na União Europeia e, OTAN. Sob o governo pró-Occidente, inscreveu-se na Constituição de 2019 o objetivo estratégico de vincular o país à esfera ocidental. Caso se concretizasse, a Ucrânia se tornaria mais um Estado controlado pelos Estados Unidos e pela aliança imperialista. Juntamente com a Polônia, seria um posto avançado de bases militares voltadas contra a Rússia. Certamente, a Geórgia também acabaria por ser assimilada pela OTAN.
17. A pressão russa, iniciada em fins de novembro e início de dezembro, constituiu um ato de força, cuja exigência principal foi a de estabelecer um acordo que definisse a condição de um Estado neutro à Ucrânia. A decisão, porém, não dependia do governo Zelenski, mas sim do governo Biden, que vinha preparando o terreno para o ingresso da Ucrânia na OTAN. O imperialismo fortaleceu seus laços com o governo títere, depois de a Rússia ter anexado a Criméia e apoiado o separatismo na região de Donbass. Passou a dar maior atenção ao armamento e preparação das Forças Armadas ucranianas. Redobrou a ofensiva militar contra os separatistas de Donetsk e Luhansk, recrudescendo a guerra civil, que provocou cerca de 14.000 mortos. A “Carta EUA-Ucrânia sobre Parceria Estratégica”, assinada por ambos os países, indicou que o imperialismo iria

fortificar as Forças Armadas ucranianas.

18. Os Estados Unidos ordenaram a Zelenski que não cedesse em nada. Os meses que antecederam a invasão da Ucrânia, em 24 de fevereiro, demonstraram que o governo Biden pretendia a guerra. Os ucranianos serviriam de bucha de canhão para os objetivos estratégicos do imperialismo norte-americano na Europa. O recrudescimento do cerco militar aos russos se tornou um imperativo da guerra comercial e da necessidade do capital financeiro e das multinacionais de passarem por cima das fronteiras econômicas da Rússia. Esse movimento dos Estados Unidos é similar ao dirigido contra o estatismo chinês.
19. Está claro, por todo esse processo, que a decisão de Putin de ir à guerra, em última instância, é defensiva. Os Estados Unidos e aliados europeus são os responsáveis, em primeira instância, pela guerra. Não se pode igualar o lugar dos Estados Unidos e Rússia na catastrófica ocupação da Ucrânia. Não se trata de uma guerra tipicamente interimperialista. Tampouco se caracteriza por uma guerra de libertação nacional ou de defesa de uma nação oprimida. Trata-se de uma guerra impulsionada por interesses capitalistas, mas carregada de contradições, devido ao fato da Rússia avançar o processo de restauração burguesa, por meio do capitalismo de Estado.
20. A destruição da URSS foi a vitória definitiva do imperialismo contra as fundamentais conquistas do proletariado. Na essência, interrompeu a transição do capitalismo ao socialismo. A Revolução Russa de 1917 iniciou a era da revolução social. A constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas materializou o programa e a estratégia da revolução mundial. E a fundação da III Internacional se ergueu como Partido Mundial da Revolução Socialista. O processo de restauração burguesa, iniciado e desenvolvido sob a ditadura burocrática de Stalin, se corporificou na degeneração da URSS e na liquidação da III Internacional. Sem a revolução política que reconstituísse o poder do proletariado, o avanço da luta de classes na Europa e a revolução mundial,

não havia como sustentar a mais avançada obra histórica do socialismo. A URSS burocratizada, assim, não teve como sobreviver nas condições em que as forças produtivas voltaram a se chocar violentamente com as relações capitalistas de produção e com as fronteiras nacionais.

21. A derrocada das repúblicas populares do Leste europeu e a da própria URSS ocorreram nas condições de esgotamento da partilha do mundo, configurada em Ialta. O imperialismo, passo a passo, reconquistou o terreno perdido com as expropriações e nacionalizações, que atingiram a grande propriedade dos meios de produção, sem que necessitasse recorrer à guerra. O conflito, no entanto, não se circunscreeu ao Leste Europeu. A desintegração da URSS abriu caminho à penetração do capital imperialista na região outrora formada pelo Grão-Império Russo.
22. A destruição da federação socialista empurrou parte significativa das ex-repúblicas soviéticas ao encontro das potências europeias e dos Estados Unidos. A restauração capitalista se encontrava em estágio avançado. As oligarquias viram e veem nas potências um esteio de segurança para os seus negócios. Aproveitam a opressão nacional exercida pela burocracia ditatorial russa para oferecer ao povo sofrido a falsa bandeira de soberania, propagada pelos maiores opressores e carneiros do mundo. Em praticamente todas as ex-repúblicas, inclusive na Rússia, se potenciou o nacionalismo reacionário, que havia sido sufocado pela revolução proletária e pela fundação da URSS.
23. O processo de restauração capitalista no seio da URSS se deu sobre a base do avivamento da opressão nacional. A estagnação e os retrocessos no desenvolvimento das relações da propriedade social e do desenvolvimento das forças produtivas socialistas foram abolindo as conquistas democráticas do direito à autodeterminação e dificultando a superação das velhas divisões entre as nacionalidades. Ainda na década de 1920, Trotsky e a Oposição de Esquerda alertavam para o perigo da subordinação burocrático-

ditatorial das repúblicas soviéticas para a estabilidade da URSS e para combater os agentes burgueses da restauração. Um dos fatores que levaram ao desmoronamento da URSS foi a potenciação das oligarquias nas ex-repúblicas soviéticas, que passaram a trabalhar pela aproximação com o Ocidente.

24. A autodefesa da Rússia, ocupando militarmente a Ucrânia, arruinando o país, realizando anexações e promovendo a barbárie típica das guerras da época imperialista de intervenção, tem por conteúdo a opressão nacional. Não é possível conter a marcha do imperialismo com os meios e métodos capitalistas de dominação nacional. Eis por que o proletariado e a sua vanguarda revolucionária não podem apoiar a invasão da Ucrânia. Caso os Estados Unidos e a OTAN iniciassem uma guerra contra a Rússia, sem dúvida, se colocaria a sua defesa, sem confundir a posição do proletariado com a da oligarquia e do governo restauracionistas.
25. Quanto mais a Rússia exercer o domínio sobre as ex-repúblicas, mais se evidenciará sua condição de potência regional opressora. Essa relação se assenta no processo geral de restauração capitalista, que envolveu e envolve o conjunto das ex-repúblicas, e, portanto, a formação de oligarquias burguesas, opressoras da classe operária, dos camponeses pobres e da pequena-burguesia urbana arruinada. A Ucrânia é um dos exemplos de oligarquia que concentra riquezas e necessita se subordinar à União Europeia para continuar a enriquecer. Esse fenômeno se manifesta em todas as ex-repúblicas soviéticas.
26. O fim da URSS se deu nas condições de pressão da oligarquia restauracionista e do imperialismo. Se prevalecesse a variante de abertura econômica e privatizações assumidas pelo governo de Boris Yeltsin, a Rússia estaria nas mãos do capital financeiro internacional e as ex-repúblicas soviéticas estariam à mercê da opressão nacional exercida pelo imperialismo no mundo todo. As ex-repúblicas não têm como conservar a autodeterminação conquistada na Revolução de Outubro, ou se sujeitam às potências impe-

- rialistas, ou à Rússia restauracionista. Somente sob um Estado socialista, sob a ditadura do proletariado e sob o progresso da revolução mundial, é possível garantir a independência.
27. A Rússia herdou a independência conquistada pela revolução e pela edificação da URSS, bem como o nível de industrialização e de cultura. Foi obrigada a se tornar uma potência militar, na medida em que retardou a revolução mundial e a Segunda Guerra exigiu um esforço sobre-humano para não ser destruída. O processo de restauração não dispensou a propriedade nacionalizada, mas comprometeu em grande medida a propriedade social, que se originou da expropriação revolucionária da burguesia e dos latifundiários. O desenvolvimento de um capitalismo de Estado sui generis permitiu à burocracia governamental e à oligarquia manterem a condução da economia, sem terem de rebaixar totalmente as suas fronteiras para a penetração do capital financeiro.
28. A Rússia se debilitou com o desmoronamento da URSS. Passou a depender das relações com a Comunidade de Estados Independentes (CEI), que, por sua vez, passaram a depender das relações com a União Europeia e os Estados Unidos. Não ocupa um lugar de destaque na economia mundial. Sua integração no mercado mundial é, em boa medida, definida pela exportação de gás natural, petróleo e matérias-primas. Mas, conserva-se como poder militar. Nas condições de agravamento da crise mundial, os Estados Unidos e aliados não têm como conviver com o estatismo russo e sua política de capitalismo de Estado. O imperialismo necessita ampliar seu mercado e apossar-se das ricas fontes de matérias primas.
29. Passados mais de vinte dias de guerra, as principais cidades da Ucrânia continuam sob bombardeios. Retrata a política dos Estados Unidos de fazerem do povo ucraniano bucha de canhão. Retrata a subserviência criminoso da oligarquia e do governo Zelensky. E retrata a opressão nacional exercida pela oligarquia russa e pelo governo Putin. O drama humano, com mortes de civis - de velhos e crian-

ças - e com a onda de refugiados, retrata o capitalismo em decomposição e os interesses do capital financeiro, dos monopólios e, em particular, os da indústria bélica. Os Estados Unidos e aliados europeus insistem em fornecer mais armas a Zelenski, e ampliar a horda de mercenários. Não fazem senão prolongar a guerra.

30. O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional tem realizado uma campanha internacionalista, demonstrando aos explorados a situação contraditória criada pela ofensiva militarista do imperialismo, de um lado, e a contraofensiva russa por meio da guerra de ocupação da Ucrânia, de outro. A resposta revolucionária parte da demonstração que os Estados Unidos empurraram a Rússia à intervenção, valendo-se de sua capacidade de exercer a opressão nacional. Nesse marco, Biden vem liderando uma cruzada de sanções econômico-financeiras à Rússia, que atingirão amplamente a Europa e a economia internacional como um todo.
31. As bandeiras capazes de unificar a classe operária ucraniana, russa, europeia e mundial são: 1) Desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; 2) Fim das sanções econômicas; defesa da autodeterminação da Ucrânia, fim das anexações, por uma Ucrânia soviética e socialista e retirada das tropas russas do território ucraniano. Esse é o ponto de partida para pôr em pé um movimento independente da classe operária e dos demais explorados.
32. Esse conjunto de bandeiras permite unir o proletariado e os demais explorados, tendo por estratégia derrotar o imperialismo e recuperar o terreno perdido com o desmoroamento da URSS. O proletariado russo tem em suas mãos a tarefa de derrubar o regime, o governo e a oligarquia restauracionistas, restabelecendo a democracia soviética e a ditadura do proletariado. A guerra na Ucrânia demonstra a vigência do programa internacionalista dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo.
33. O choque entre os Estados Unidos e a Rússia, que se expressa na guerra ucraniana - por sua contundência e

perigo para os povos do mundo inteiro -, oculta o fundamental da situação, que é crise de direção revolucionária. O proletariado mundial permanece à sua margem, quando é a força motriz social capaz de combater as tendências bélicas do imperialismo, defendendo posições de classe e marchando contra os pilares do capitalismo em desintegração.

34. A campanha do imperialismo tem sensibilizado a classe média e confundido o proletariado com o falso pacifismo. Utiliza-se das cenas de barbárie da guerra para condenar a Rússia e ocultar sua política que fez da população ucraniana bucha de canhão. Nota-se também uma dispersão das esquerdas que se reivindicam do socialismo e da revolução. Estabeleceram-se uma tremenda confusão e divisão em suas fileiras. O fundamental está em que somente se poderá acabar com as guerras, quando se acabar com o imperialismo, com a opressão de um punhado de países sobre o mundo. As particularidades da guerra na Ucrânia mostram o quanto significativo foi a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo com a destruição da URSS.
35. O trabalho de explicar e explicar a posição internacionalista e de defender e defender as bandeiras revolucionárias deve ser sistemático e firme. Nessa luta, se fortalecerá o objetivo de superar a crise de direção, construindo os partidos marxista-leninista-trotskistas, e reconstruindo o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.



Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- [anchor.fm|por-massas](http://anchor.fm/por-massas)
